

A PLEBE

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

Diretor-Gerente: EDGARD LEUENROTH

ANARQUICO É O PENSAMENTO E PARA A ANARQUIA CAMINHA A HISTÓRIA
GIOVANI BOVIO

VOLTANDO À LUTA

SANGRANDO AINDA DAS FERIDAS CAUSADAS PELO VENDEVAL DA REAÇÃO, O POVO RETOMA O CAMINHO NA SUA MARCHA PARA A LIBERDADE

Publicamos em outra página deste número uma poesia de Gigi Damiani, nosso velho companheiro de redação que, como muitos outros militantes da causa da Liberdade, foi arrancado ao nosso convívio e atraído à encurruada das deportações pelo tufão da tirania.

Não poderíamos encontrar mais expressiva imagem para caracterizar o momento presente deste renascer do anarquismo. Esse nosso companheiro deve estar, como nós, sentindo a emoção da volta. Depois de percorrer a França e a Espanha, após um estágio forçado na Tunísia, de onde regressou à Itália, Gigi Damiani está de novo à frente da "Umanità Nova", onde, com Malatesta, havia deixado traços da sua capacidade de luta, do seu grande amor à causa dos oprimidos e de sua capacidade de jornalista revolucionário.

"A Plebe" também está, de novo, na luta. Como a Fenix da lenda, ressurge das próprias cinzas... Como na poesia de Gigi admiravelmente traduzida para o nosso idioma, estamos, nós também, juntando os cascos velhos, os destroços deixados pelo tufão reacionário, para recomencermos a construção do edifício que abrigava e continuará a abrigar um sonho de liberdade e fraternidade humanas.

A história do pensamento tem sido, através dos tempos, uma renascença contínua do recomeçar. Na velha Grécia germinaram aspirações de uma vida nova, de um novo mundo constituído pela alta visão dos sábios, mas a tirania macedônica chegou e os anseios de liberdade foram esmagados pelas botas marciais dos tiranos.

Escapando à tirania dos bárbaros, o idealismo foi renascer na Roma dos Gracchos para ser de novo esmagado pelas legiões mercenárias.

Mas a idéia é força e a liberdade o sol que lhe dá a vida. Os séculos nascem e a idéia germina de novo na França de 89 e 93. A bota do militarismo prussiano tenta esmagar novamente os anseios de liberdade.

Como a grama das ruas calcadas arrancada pelos limpadores, que ao receber a selva das primeiras chuvas brota por entre as frinchas dos paralelepípedos, assim também o ideal libertário retoma o seu ritmo acelerado após cada período de reação.

É o que acontece com "A Plebe", cuja história um dia se fará. No ambiente agitado que precedeu e do qual resultou a greve geral de 1917, este jornal surgiu como imperativo categórico de uma necessidade popular.

Após um período de vida intensa, veio a reação e "A Plebe" sofreu o primeiro colapso em seu aparecimento. Uma rajada de perseguições e violências tiveram que suportar os companheiros que cooperavam na vida do jornal, culminando com o rumoroso processo de seu diretor.

Resurgindo no período agitado da revolução do povo russo, chegou a ser diário. Viveu com o povo, sentiu com o povo, tornando-se porta-voz das suas aspirações, dos seus sofrimentos e das suas reivindicações.

Nova reação. Cercos e buscas em sua redação e oficinas, que foram empasteladas pelos esbirros do capitalismo. Prisão dos seus cooperadores, entre eles Gigi Damiani, um de seus redatores, que foi deportado.

Após breve interrupção, ressurge no ambiente agitado em que se caldeou a revolução de 1924. Dentro da refrega, a sua missão foi contribuir para orientar o povo no sentido social.

Veu novamente a reação. "A Plebe" foi suspensa e presos vários de seus cooperadores. Desta vez a reação deixou rastros de sangue e de morte na vida de "A Plebe". Alguns de seus redatores e colaboradores foram arrastados para a região inhospita da Clevelandia, e de lá nunca mais voltaram, porque não se volta de lugares onde a morte impera...

Os cadáveres dos companheiros Pedro A. Mota, José Maria Fernandes Varela, Nicolau Parada, Nino Martin e José Alves do Nascimento por lá ficaram servindo de pasto aos vermes.

Novo ressurgimento. Veiu então a primeira guerra mundial, a censura, nova suspensão de "A Plebe" e novas perseguições. Reaparece para breve publicação e sofre outra interrupção, em consequência da fúria reacionária. Em uma dessas reações teve como vítimas o companheiro Manoel Campos, que morreu moço, em consequência de grave enfermidade apanhada nos calabouços policiais, e Florentino de Carvalho, há pouco falecido, também de moléstia contraída nas prisões.

Surge de novo em 1930, para a vida agitada da luta anti-fascista e em prol da libertação de Sacco e Vanzetti.

Outra onda de reação é desencadeada. Foram de novo presos seu diretor e redatores, assim como muitos cooperadores, mandados para o presídio Maria Zélia, e alguns, como G. Soler, foram deportados.

E aqui está de novo. Muitos dos que militavam nesta barricada já se foram. Uns, como Gigi e Soler, para não citarmos a extensa lista dos que foram deportados, ainda continuam lá fora a luta nas barricadas do anarquismo; outros, entregues à sanha dos ditadores fascistas, foram fuzilados; outros ainda, como Varela, Mota, Parada e José Alves do Nascimento, apodreceram na Clevelandia, para satisfazer a sadíssimas assassinas das autoridades.

Mas outros ficaram. Muitos foram substituídos por gente nova, moços, filhos dos que partiram e dos que ficaram. E a luta prossegue!

Nada há a modificar na atitude que assumimos em relação aos problemas sociais. Os acontecimentos têm confirmado que os anarquistas estão com a razão. Tudo quanto dissemos e repetimos está sobejamente comprovado pelos fatos.

Repetimos hoje, com a mesma convicção, o que dizíamos há 30 anos: não há solução burguesa para os problemas humanos. Só há uma solução: a abolição do Estado, defensor e sustentáculo de privilégios, e a consequente organização de uma sociedade baseada no apoio-mútuo e na mútua compreensão dos direitos e deveres, onde haja liberdade, cultura e pão para todos.

ENDEREÇO DE "A PLEBE"

A correspondência para "A Plebe" deve ser enviada para o seguinte endereço: "A PLEBE" — CAIXA POSTAL, 5739 — SÃO PAULO.

Valês postais, cartas registradas com valor declarado ou cheques bancários devem vir para o mesmo endereço em nome de Edgard Leuenroth.

AGRAVA-SE A SITUAÇÃO

Há perspectivas sombrias nos horizontes da vida proletária. Os "tubarões" da indústria e das finanças ameaçam fechar as fabricas, atirando para as agruras do desemprego milhares, talvez milhões, de operários que construíram as suas riquezas e que lhes abarrotaram os cofres de ouro.

Fazem-no, conforme declarações publicadas nos jornais, como represália contra as medidas tendentes a combater a inflação e forçar a baixa do custo da vida.

A hora em que escrevemos esta nota, 174 fabricas de "rayon", em Americana, encerram as suas atividades dando início ao "lock-out" planejado pelos industriais.

Aqui na Capital varias são as fabricas que estão dispensando operários, e a industria de calçados vem se ressentindo, desde há varios meses da falta de serviço, com fechamento de fabricas.

Assim é que o capitalismo soluciona os problemas sociais!

Habituaos a margens de lucros astronômicos em consequencia do estado anormal ocasionado pela guerra, em que as necessidades de consumo eram maiores que a capacidade de produção, os "tubarões" elevaram de tal forma os preços dos artigos de primeira necessidade, valendo-se da manobra criminosa da sonegação dos estoques e criando, como consequencia, o cambio negro, que, forçados pela concorrência, preferem fechar as fabricas a ter de vender os produtos mais barato.

E' assim, dessa forma hostil e deshumana, que eles põem em pratica os seus sentimentos filantropicos e cristãos.

Os operários produzem a trôco do salario que nunca alcança o custo da vida, toda a riqueza que é desfrutada pelos patrões da forma mais ignominiosa, porque aproveitam-na para sustentar os caprichos das suas amantes, para atirar, aos monfões, nos jogos de toda a especie, para as suas orgias e os seus vícios. Mas as maquinas pertencem aos patrões, que podem dispor delas como armas politicas, ou como instrumentos de coação para sustentar-lhes a ganancia de lucros.

E quando, em consequencia de uma situação criada por eles, os mercados se tornam insustentaveis, os "tubarões" resolvem a crise com uma simplicidade extraordinaria: fecham as fabricas, guardam os estoques para manter os preços, e lançam os operários na incerteza do dia de amanhã.

E a fome, a miseria, a prostituição, o alcoolismo e toda a côrte de mazelas sociais da sociedade capitalista, começam a rondar as portas dos lares proletários...

As reivindicações populares

Que fazer quanto às lutas proletárias e populares? Bem entendido, que fazer, hoje e não amanhã, em relação à melhoria da situação do povo, isto é, que sugerir-lhe como programa mínimo de reivindicações imediatas?

Mas terá lógica estabelecer gradações nas reivindicações dos direitos do povo? Poderão esses direitos ser desdobrados em programas mínimo e máximo?

O povo dá tudo em sua ação de elemento produtor: dá sua atividade, seu esforço, seu sossego, sua saúde, sua vida. E que recebe como recompensa? Apenas o bastante para poder continuar trabalhando em proveito dos dominadores da época. Tem, portanto, tudo a reivindicar. E por onde começar? Sómente ao povo cabe o pronunciamento. Sentindo nas próprias carnes as torturas da situação tormentosa de hoje, é o povo que sabe o que deve reclamar e quando o deve fazer.

Bem-estar e liberdade — é a síntese de suas aspirações e de suas reivindicações. Imensas são as suas necessidades e para satisfazê-las tem de ir arrancando, à resistência capitalista, com o próprio esforço e em permanentes e duras pelepas, pequenas porções dos bens que lhe cabem até que, num embate derradeiro, possa entrar no rozo definitivo daquilo que representa o produto legítimo de suas labutas.

Ocioso seria pretender mencionar todas essas necessidades e essas reivindicações. Isso costumam fazer os profissionais da politica, catalogando-as com incontáveis minúcias, em programas eleitorais, quando, em cata de votos, prometem ao povo este mundo e o outro.

Há, entretanto, reivindicações essenciais pelas quais, sem desviar a luta de seu objetivo verdadeiro — a transformação social — os anarquistas batalham com o povo para as conquistar, a fim de que ele tenha cada vez mais confiança no resultado de sua ação e também como um exercicio permanente do espirito de iniciativa e da vontade ativa.

A publicação regular de "A PLEBE"

Aproveitando a comemoração do 1.º de Maio, lançamos este numero especial de "A Plebe". Nosso desejo, que, aliás, é o de todos os militantes e simpatizantes de nosso movimento, é que este periodico, já tradicional na luta libertária deste país, volte a aparecer regularmente.

Deve-se, entretanto, dizer que essa aspiração somente poderá transformar-se em realidade se contar com a cooperação decidida do maior numero possível de companheiros. Como é sabido, não dispomos de capitais e não podemos, não devemos e não queremos conseguir recursos fora de nosso meio. A nossa imprensa não vive de publicidade paga nem de subvenções. Contamos unicamente com as contribuições coletadas entre nossos elementos. E como todos nós vivemos de salários, é necessaria a cooperação de todos aqueles que se interes-

sam pelo desenvolvimento de nossa obra. "A PLEBE" poderá contar com as seguintes fontes de recursos:

Venda avulsa — Com o alto custo da confecção do jornal, a venda avulsa dá prejuizo, mas é necessaria para a sua divulgação. Todos, pois, devem influir junto às bancas de jornais e dos jornaleiros para que vendam "A PLEBE", o mesmo cabendo aos companheiros do interior com referencia às agencias de jornais, informando-nos com urgencia do que for conseguido e indicando-nos seus endereços.

Assinaturas — "A PLEBE" terá serviço de assinaturas. O preço será estabelecido de acordo com o custo do jornal. Os interessados em receber o jornal por meio de assinaturas deverão, entretanto, escrever-nos imediatamente, indicando-nos ainda nomes e endereços de pessoas que possam ser assinantes.

Pacoteiros — A cooperação dos pacoteiros foi valiosa para a divulgação do jornal nas fases anteriores. Por isso adotaremos novamente esse sistema de divulgação. Os pacotes serão fornecidos, na administração ou pelo correio, na base de 10 exemplares por 5 cruzeiros. Quem quizer, poderá adquirir mais de um pacote, para distribui-los da maneira que julgarem mais proveitosa.

Subscrição voluntaria — Restabeleceremos, igualmente, a coleta de recursos por meio da subscrição voluntaria. A administração distribuirá listas para esse fim, devidamente rubricadas. Os companheiros poderão procura-las na sede do jornal ou pedi-las pelo correio. Nas listas, que serão publicadas, poderão figurar nomes ou iniciais. Entretanto, a divulgação dos nomes é facultativa.

Vamos regularizar a publicação de "A PLEBE"? Pois, então, metamos mãos à obra. Cada qual trabalhe como puder, mas sem perda de tempo, pondo-se em comunicação conosco, diretamente na sede do jornal ou por carta. E nós nos poremos de acordo com os camaradas de "Ação Direta".



São assim os tiranos e exploradores do povo: acovardam-se com o aparecimento de suas vítimas

Patria e Nacionalismo

PELA CONFRATERNIZAÇÃO DOS POVOS

Os anarquistas consideram a humanidade como constituindo uma única família, tendo o mundo como pátria comum.

Não dependendo do homem a escolha do lugar de seu nascimento, tanto vive ele, para satisfação de suas necessidades e preferências nas frias regiões polares como nas tórridas dos trópicos.

Está historicamente demonstrado não terem as fronteiras origem natural e que, sofrendo alterações constantes no decorrer dos séculos, têm servido para dividir os povos, aumentando as prevenções, desavenças, animosidades e ódios que dão motivos para as guerras, causadoras, como a última, dos grandes males que atormentam a humanidade.

Não se pode negar a natural afeição pela terra onde se nasce e cresce, onde se forma um lar, alimentando laços familiares e de amizades, onde se aprende a estudar e a trabalhar, onde se ama, luta e diverte, onde, enfim, se acaba criando um ambiente ao qual a gente passa a sentir-se associada, como sua parte integrante, pelas reações das múltiplas atividades determinadas pelo desenvolvimento da própria personalidade.

Entretanto, esse sentimento afetivo ao próprio meio-ambiente não justifica a prevenção e muito menos a animosidade contra povos de outras partes e, deixando de ser natural, passa a ser absurdo, odioso e merecedor de repulsa quando, sob as vestes enganosas do nacionalismo, serve de instrumento de dominação e de exploração ao capitalismo sem pátria, que alimenta as discórdias internacionais e provoca as guerras.

O fato de nascer aquém de certas linhas convencionais não pode ser motivo para se considerar inimigas criaturas que vieram ao mundo além dessas fronteiras estabelecidas à revelia de sua vontade.

Julgando anti-social o fracionamento da humanidade em nações litigantes, o que é feito com intuíto político-econômico pela classe dominante, interessada em alimentar discórdias, com o fim de solidificar o seu poder, os anarquistas consideram, entretanto, como naturais os agrupamentos formados por livre e espontânea atuação de populações unidas em virtude de influências de ordem geográfica, econômica, de comunidade de costumes ou sentimentais, federando-se entre si, também por livre determinação, em obediência a imperativos semelhantes, e estendendo-se, em solidária convivência, pelos territórios exigidos para seu normal desenvolvimento.

De dia para dia, mais se evidencia o absurdo das fronteiras com que se pretende dividir a humanidade. Nada mais há que separe os homens. Com as conquistas do progresso, tôdas as distâncias são fáceis e rapidamente vencidas, relacionando estreitamente as criaturas de todos os quadrantes da terra, para a satisfação de tôdas as suas necessidades. Do barco a velas caminhou-se para o rápido transatlântico a vapor; as morosas conduções terrestres foram substituídas pelos velozes trens-de-ferro; o automóvel devassa os longínquos recantos que sómente conheciam o bulhento carro-de-bois; por meio do avião, atravessam-se, em horas, nações e continentes; pelo telefone a voz humana se transmite em tôdas as direções e para o telegrafo não há distâncias; o rádio, vencendo no tempo e no espaço, tudo investiga, tudo informa, tudo divulga, em instantes, internacionalizando os acontecimentos, as descobertas, as manifestações das ciências e das artes, animando a humanidade em suas tristezas e alegrias; a televisão, com suas imagens vivas, começa a familiarizar os aglomerados humanos em suas mais íntimas atividades.

O convívio da humanidade entrelaça-se através de todos os mares e continentes, desprezando as fronteiras criadas de acôrdo com as conveniências daqueles que disputam o domínio do mundo. Nem as barreiras alfandegárias, nem o crivo das censuras reacionárias impedem o regime da cooperação e das permutas, que se intensifica

cada vez mais para satisfação das atividades econômicas, profissionais e técnicas, científicas e artísticas, esportivas e recreativas, bem como político-sociais. Nada, portanto, justifica, sob qualquer aspecto, a divisão da humanidade em nacionalismos perturbadores de seu normal convívio.

Os libertários são, por isso, internacionalistas, isto é, pugnam para unir a humanidade numa comunidade única, fraternizada em populações autônomas, formadas por livre determinação influenciada por imperativos naturais e reunidos, pelos laços do livre federalismo, desde a pequena comuna rural até o distrito, o município e a zona, através de regiões e continentes.

Quer isto, então, dizer que nós, os anarquistas brasileiros, desprezamos o Brasil? Sómente aqueles que procuram desvirtuar os princípios anarquistas poderão afirmar semelhante absurdo. Ao contrário, talvez sejam os libertários os melhores defensores do país em que nasceram ou em que vivem, e isso porque sustentam uma luta sem tréguas para

libertá-lo dos elementos que o escravizam econômica e politicamente, daqueles que alimentam o obscurantismo embrutecedor da consciência de seu povo, enfim, de todos aqueles — nacionais ou estrangeiros — que exploram e tiranizam o país — nacional e internacionalmente em prejuízo de sua população.

Os anarquistas não podem, naturalmente, deixar de querer o Brasil e, justamente por isso, pelem para que ele seja libertado do domínio da exploração do capitalismo daqui ou de fóra, e passe a pertencer a todos os brasileiros, isto é, a todos que aqui labutam e produzem, fraternizados num regime de igualdade social e formando, como unidade autônoma, progressista, culta e próspera, na grande confederação universal dos povos.

Edgard Leuenroth

Atraente festival

Dia 30 de abril, às 20 horas, no salão do Gremio Dramatico Espano-Americano, à rua do Gazometro. Serão representadas a linda peça de Pedro Gori: **Primeiro de Maio e O Escravo**. Haverá também um bem organizado ato variado. Os convites são distribuídos na sede do Centro de Cultura Social, à rua José Bonifácio, 387.

O pobre não pode estudar

O ENSINO É PRIVILEGIO DOS RICOS

A maior parte da população brasileira é analfabeta. É uma vergonha que não pode ser escondida. Constatam-na os que se dedicam ao ensino, proclamam-na as estatísticas. O analfabetismo é uma das grandes pragas da situação político-social dominante.

Se o povo brasileiro, numa grande porcentagem, está privado de instrução, não é, certamente, porque não queira aprender. É analfabeto porque não lhe dão escolas e porque o impossibilitam de frequentar as que existem em proporção mesquinha em relação à população do país. Nos grandes centros, permanece uma enorme população infantil à espera de vagas nos grupos escolares. Na zona rural e pelos sertões afora as escolas são coisa rara.

Com a vida de penúria que levam o roceiro e o sertanejo, não é de se estranhar que seja a instrução do que eles menos possam cuidar. Trabalhando de sol a sol, vivendo sem o mínimo conforto, mal alimentado e de saúde precária, como pode a gente do "hinterland" brasileiro frequentar escolas, que, quando

existem, ficam a enormes distâncias? Depois, o pobre precisa trabalhar desde criança. Nas cidades industriais, deve trocar a escola pela fábrica quasi sempre sem completar o curso primário.

O ensino está hoje inteiramente comercializado. É um meio de exploração, de conseguir fortunas como qualquer outro. Mensalidades altíssimas, pesadas taxas, livros e material escolar caríssimos impossibilitam de estudar a maioria da juventude que vive do seu trabalho.

A instrução é, portanto, privilégio dos ricos. Sómente os filhos dos capitalistas podem estudar.

Mas isso é uma injustiça e, como tal, precisa, deve acabar. Como se pode admitir que sejam exatamente os elementos produtores de todos os meios de vida aqueles que têm de ficar privados da possibilidade de se instruírem?

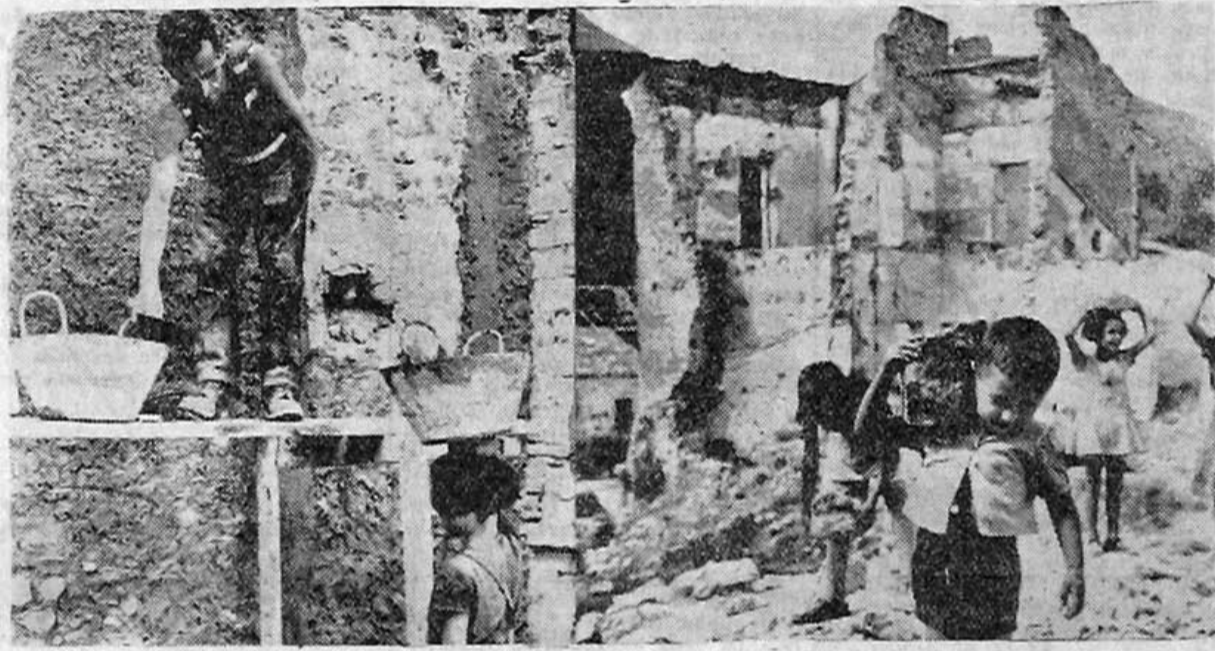
Ataque-se, pois, o mal de frente com o fim de libertar o ensino da praga burocrática, que entrava o seu desenvolvimento; da intervenção religiosa, que desvia a escola de sua finalidade precípua, alimentando discórdias; da intromissão político-partidária que alimenta o regime do favoritismo, e, ainda, dos elementos que fizeram do ensino um meio de torpe exploração.

Liberta a escola dos elementos perturbadores de seu normal funcionamento, deverá ser confiada aos cuidados daqueles que lhe dedicam a sua atividade, entregando-se, portanto, ao professorado a orientação, organização e administração do ensino em tudo quanto a ele se referir, de maneira que possa ser proporcionada a todos os brasileiros a possibilidade de estudar.

Feito isso, que se ponha imediatamente mãos à obra com o fim de corrigir o que estiver errado e fazer tudo quanto seja necessário para o ensino ser posto à altura das necessidades da cultura brasileira, executando-se medidas como estas: Facultar-se ao professorado um teor de vida compatível com sua alta missão social, respeitando-lhe a liberdade de cátedra e de pesquisa; associar os estudantes nos trabalhos do ensino; tornar gratuito para os trabalhadores o ensino em tôdas as suas modalidades e graus; dar assistência aos estudantes necessitados e alimentação aos filhos dos trabalhadores nas escolas primárias; fundar escolas onde quer que elas faltem, principalmente no interior do país, contando, para isso, com a contribuição obrigatória dos industriais e comerciantes, nas grandes cidades, e dos grandes proprietários agrícolas, nos meios rurais.

E que não se venha com a alegação de que não há verbas para um empreendimento desse vulto. Muitas são as fontes onde abundante verba poderá ser conseguida para criar escolas aos milhares. Requistem-se, antes de mais nada, os prédios mal ocupados ou ocupados por entidades parasitárias e inúteis; destinem-se ao ensino as verbas que dos cofres públicos saem para instituições religiosas, ou de atividades supérfluas, para a gasolina gasta nos carros da parasitagem burocrática e para o subórno a veículos de divulgação e propaganda. Há, ainda, uma outra fonte mais rendosa: os bens confiscados aos homens públicos cujas fortunas tenham sido acumuladas no exercício de cargos governamentais e administrativos e aos "tubarões" do cambio-negro que estão enriquecendo à custa do sacrifício do povo.

Entretanto, como nos demais, também este problema somente poderá ser resolvido pela ação direta dos interessados, pois a engrenagem burocrática do Estado é manobrada pelos privilegiados e lobo não come lobo. Só a ação do professorado, dos estudantes, só a atividade das organizações populares e dos sindicatos proletários, agitando o problema, fazendo pressão pública sobre os dirigentes conseguirá tornar efetivo o direito do povo poder cuidar de sua instrução.



A VOLTA

De GIGI DAMIANI

Tradução de VALERIO SALVIO

Velhos, mas duros de morrer, voltamos como partimos. — Não mudamos nada — diremos aos que virmos pela estrada.

E juntaremos: — Meu irmão, cá estamos junto a ti e para o bom trabalho; nossa fé, temperada pelo malho do exílio duro, descansar desdenha.

O mundo escravo despertou agora depois de fundo sono e, á nova aurora, o interrompido afã recomeçamos.

O velho amigo, abaixando a fronte, responderá que o furacão sem brida por vinte anos rugiu na Europa mesta, que toda a nossa obra foi perdida e de quanto fizemos nada resta.

Replicaremos: — Não temer, passada é para nós a trágica jornada, a tirania cega já não reina.

Tudo tombou? Ergamos novamente. Vê o caipira: a terra devastada, queimado o milharal, morta a semente, que importa? Assim que o furacão amaina, ele volta depressa para a faina. Ajunta as pedras soltas, como se elas fossem de ouro e, tomando-as uma a uma, põe-se a reconstruir tôda a tapéira. Afôfa a terra com as mãos, apruma as cercas, cava o poço, destorroa o chão vidrado, planta, trata, espera. Recompõe a tarimba, os filhos cria, sabendo embora que outra guerra, um dia, uma noite, há-de vir para levá-los...

Não desesperes, não demonstres ira. Nós passaremos todos, mas o povo renasce. Faze, pois, como o caipira sábio, que sabe começar de novo.

Companheiros! Enxadas sobre os ombros, voltemos, que aí vem a primavera. Nossa missão é remover escombros, é destocar, é arar, é semear, que a mocidade nosso exemplo espera!

Durante o furacão, a bicharada dispersa-se: o termita no cupim, a saúva no olheiro. Cessa a lida.

Mas quando o sol ressurge e a luz dourada bate na terra, volta a bicharada; por entre os mortos recomeça a Vida.

A Vida não deserta, não descura sua obra de eterna construção, seja nos picos de perene alvura, ou entre as coisas ínfimas do chão.

Plantações e consciências abrem flores para quem as cultiva com trabalho, não há parto que não conheça dores; não há treva que não fuja de espanto ao sol, nem gota trêmula de orvalho que não seja, também, gota de pranto...

Tudo é luta; nada se perde, nada; o erro na experiência se compraz.

Refazemos a terra devastada; olhando só prá frente, não prá traz.

— A cruz da servidão seja partida — diga-se a quem ela curvou a espinha; e a quem a vã espera em si amarra uma vontade, diga-se: Ergue-te e caminha...

Mas não se diga nunca: A estrada é incerta a quem de moço ardores já não sente. Ferido, o veterano vai prá frente, tomba no campo, morre. E não deserta!

1.º DE MAIO

Manifestação internacional dos trabalhadores como afirmação de seus direitos

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Desde 1832, ano em que lá se fez a primeira greve, o proletariado dos Estados Unidos movimentava-se para conseguir a jornada de 8 horas. Com esse propósito realizou-se um congresso dos trabalhadores militantes no dia 12 de outubro de 1845, em Nova Iorque.

Em virtude das agitações crescentes verificadas em 1853, o presidente Johnson fixava esse horário para todo o operariado dos Estados Unidos.

No congresso de Baltimore, em 20 de agosto de 1866, concordaram os trabalhadores em abandonar os partidos burgueses e fundar partidos operários. Nessa ocasião, realizaram-se vários congressos dos quais surgiram pujantes associações, dentre elas a "Liga das 8 horas" e a "Liga dos Cavalheiros do Trabalho". Esse movimento associativo caracterizou-se seguido por contínuas greves parciais, que, embora nem sempre bem sucedidas, despertaram grande entusiasmo na classe trabalhadora.

De 1870 a 71, começou-se a organizar entre operários alemães residentes nos Estados Unidos, as primeiras forças da "Associação Internacional dos Trabalhadores", fazendo-se vivíssima propaganda socialista revolucionária e pondo-se em prática novos métodos na luta entre o capital e o trabalho.

No dia 13 de janeiro de 1872, depois de uma greve de 100.000 operários, os desempregados de Nova Iorque fizeram imponente manifestação para que o público conhecesse seu estado de miséria. Quando a praça do comício estava repleta de homens, mulheres e crianças, a polícia atacou barbaramente a multidão.

Intelectos foram, porém, os meios coercitivos empregados pelos poderosos, todas as máquinas brutais e deshumanas dos defensores da organização burguesa-estatal para aniquilar no espírito das massas a rebeldia contra a opressão tirânica dessa classe privilegiada. A consciência libertária que animava os obreiros irmanados na luta, sob a pressão da mesma escravatura e da mesma pobreza, fortaleza mais e mais a união fraternal do proletariado de todas as profissões, acrescentando-se continuamente valores novos e disseminando-se por todos os recantos da república norte-americana o ideal da renovação social.

Desde 1869, os canteleros de Chicago haviam conquistado a jornada de 8 horas e outros Estados já a haviam decretado legalmente, embora tais decretos não tivessem aplicação. No mês de maio de 1866, de 190.000 operários que se declararam em greve, 45.000 obtiveram redução nas horas de trabalho e outra vantagens.

Em 1880, ficou organizada a "Federação dos Trabalhadores dos Estados Unidos e Canadá", em consequência de inúmeras greves havidas desde 1876.

Num congresso realizado em Chicago, em 1884, ficou deliberado declarar-se greve geral no dia 1.º de maio de 1886.

Foi preparada por meio de manifestos, jornais, comícios, reuniões, li-

vro e folhetos, alimentando-se intensa propaganda nesse sentido. E no dia marcado rebentou a greve geral.

Devido aos efeitos produzidos por essa agitação, no mês de maio, conseguiram horário de trabalho de 8 horas, que já gozavam mais de 400.000 canteiros desde 1869.

Foi assim que, nos Estados Unidos, a idéia da greve geral teve positividade.

Os sublimes ideais libertários faziam-se sentir com grande vantagem e já tinham os seguintes órgãos de imprensa: "The Alarm", "O Socialista", "Arbeiter Zeitung" e "Liberdade", a cuja frente estavam quatro intemeratos camaradas, alguns dos quais foram executados.

Conflitos gravíssimos foram o prólogo da luta.

Declarada a greve geral, foi convocado um comício monstro no qual falaram Pearsons, Spies, Fielden e Schwab. Os patrões, bastante atemorizados, tiveram de fazer concessões.

Um patrão despedira 1.200 operários e isso provocou sério atrito, tendo intervenido a polícia, que carregou sobre a multidão. Os trabalhadores improvisaram pequenas barricadas para sua defesa, usando pedras e revólveres. A falta de meios de defesa, porém, obrigou a multidão a fugir dos janizares policiais.

Indignado, Spies escreveu naquele mesmo dia um vibrante manifesto, intitulado a "Circular da Desforra", que foi profusamente distribuído por toda a cidade. Uma reunião do grupo socialista resolveu realizar um comício de protesto em Haymarket contra o brutal procedimento das autoridades policiais.

O comício foi imponentíssimo. Falaram Spies e Pearsons, que ao terminarem retiraram-se em demanda de suas residências dando o estado de canção em que se achavam. Usava a palavra o orador Fielden, quando a polícia deu início a nova série de brutalidades. Cruza então o espaço uma linha luminosa, um corpo que explode, com formidável estampido, entre duas companhias de polícia, matando um guarda e ferindo sete. Descargas seguidas foram feitas sobre o povo, pela polícia, que, como que animada de sede de sangue humano, percorria a praça em todas as direções deixando o solo semeado de cadáveres e feridos, todos de trabalhadores, sem que entre eles tivesse caído sequer um dos grandes exploradores cujo egoísmo e soberbia foram a causa daquela carnificina...

Os militantes mais salientes do movimento operário, foram imediatamente perseguidos e encarcerados.

Pearsons entregou-se às autoridades ao saber da prisão dos companheiros já encarcerados.

Logo foi iniciado um processo contra eles. A lógica razoável e justiciera teria sido castigar quem ordenara o massacre. Não era isso o que queria o estado burguês. A justiça histórica deixou em pé os culpados e carregou toda a responsabilidade sobre os que se distinguiram na propaganda da concordia e da harmonia entre os homens.

seus direitos



este ou aquele projeto de melhoramento futuro não eram matéria de eleição, senão necessidade histórica e que, para nós, a tendência do progresso era a do anarquismo, isto é, a de uma sociedade livre, sem classes nem governantes, em que a liberdade e a igualdade econômica de todos produzirá um equilíbrio estável, como base e condição de ordem natural. Grinnell repetiu por várias vezes que é à anarquia que se trata de subjugar. Pois bem: a teoria anarquista pertence à filosofia especulativa. Da anarquia nada se falou no comício de Haymarket. Nesse comício só se tratou da redução das horas de trabalho. Mas insistis. E' a anarquia que aqui se julga? Se assim é, eu me sentença: sou anarquista!"

SCHWAB

A defesa de Miguel Schwab foi menos extensa, mas as suas palavras bastam para dizer o que sentia com inteira firmeza:

"Dizeis que a anarquia está condenada. No entanto, a anarquia é uma doutrina hostil à força bruta e oposta ao atual e criminoso sistema de produção e distribuição da riqueza.

Não há nenhum segredo na nossa propaganda. Anunciamos uma mudança no sistema de produção de todos os países industriais do mundo e essa mudança aproxima-se, não pode deixar de chegar.

Que é a anarquia? E' um estado social em que todos os seres humanos poderão fazer o bem pela simples razão de que é o bem e repudiar o mal porque é o mal. Em uma sociedade assim constituída, não são necessários o Estado e suas leis. "A anarquia morreu", disse o procurador geral. A anarquia até hoje só existe como doutrina e o senhor Grinnell não tem poder para matar qualquer doutrina. A anarquia é hoje uma aspiração, mas uma aspiração que se realizará, não sei quando, mas que se realizará indubitavelmente.

E' um erro empregar a palavra anarquia como sinônimo de violência, pois são coisas opostas.

A anarquia é a ordem sem governo. Nós, os anarquistas, cremos que se avizinharmos os tempos em que os explorados reclamarem os seus direitos aos exploradores e cremos ainda que a maioria do povo, os trabalhadores das cidades e dos campos, se rebelarão contra a burguesia de hoje. A luta, em nossa opinião, é inevitável!"

NEEBE

Oscar W. Neebe relata, em seu discurso, os últimos sucessos de maio e prossegue: "Durante os últimos dias, pude aprender o que é a lei, pois antes não o sabia. Presidi um comício em Turnes Hall, para o qual fosteis convidados, a fim de discutir o socialismo anárquico. Porque não apareceram os representantes do atual sistema capitalista, para discutir com os obreiros suas aspirações?" E termina o seu discurso, dizendo: "Eu vos suplico: deixai-me participar da sorte de meus companheiros! Enforcad-me com eles!"

FISCHER

Adolfo Fischer diz que falará pouco, e lança contra seus algozes as seguintes palavras proféticas: "Somente tenho que protestar contra a pena de morte que me impõem como assassino. Mas se hei-de ser enforcado por professar as idéias anarquistas, por meu amor à liberdade e à igualdade e à fraternidade, então não tenho inconveniente, digo-o bem alto: podéis dispor de minha vida! Se credes que com este bárbaro veredito aniquilais os anarquistas e a anarquia, cometes um erro, porque os anarquistas estão dispostos a mor-

rer sempre pelos seus princípios e estes são imortais. Este veredito é um golpe de morte dado na liberdade de imprensa, de pensamento e de palavra neste país. O povo tomará nota".

LINGG

Último discurso de Luiz Lingg: "Concedei-me, depois de condenar-me à morte, a liberdade de pronunciar um último discurso. Não, não é por um crime que me condenais à morte, é pela anarquia e posto que é pelos nossos princípios, eu grito sem temor: sou anarquista! Acusai-me de desprezar a lei e a ordem. E que significam a lei e a ordem? Seus representantes são os policiais e entre eles existem muitos ladrões. Aqui, senta-se o capitão Leback e ele confessou-me que meu chapéu e meus livros tinham desaparecido, subtraídos pelos policiais. Eis aí vossos defensores do direito de propriedade". E termina dizendo: "Desprezo-vos, desprezo vossa ordem, vossas leis, vossa força, vossa autoridade! Enforcad-me!"

ENGEL

Destacamos o trecho mais importante da defesa de George Engel: "E' a primeira vez que compareço perante um tribunal americano que me acusa de assassino. Em que consiste o meu crime? Em ter trabalhado pelo estabelecimento de um sistema social no qual seja impossível, enquanto uns amontoam milhões, outros vivam na miséria. Assim como o ar e a água são livres para todos, a terra e as invenções devem ser utilizadas em benefício de todos. Desprezo o poder do Estado iníquo, seus policiais e seus espíões".

FILDEN

Samuel Fielden fez um discurso protestando contra o fato de o julgarem delinquente por professar as idéias anarquistas, reivindicando o direito natural de pensar livremente, que todos devemos evitar e combater. Depois de um longo discurso, Fielden julgou culpado de haver cometido o mal onde quer que se encontre, o trecho do seu discurso:

"O socialismo científico demonstra e demonstra ser um absurdo condená-lo por defender a anarquia. Um pagado o socialismo, eu não o nego. Hoje o sol brilha para a humanidade. Eu creio que chegará o dia em que sobre as ruínas da corrupção se levantará a esplendorosa manhã do mundo emancipado, livre de todas as maldades, de todos os monstruosos anacronismos de nossa época e de vossas caducas instituições".

DOCUMENTOS SUBLIMES NA HISTORIA DOS MARTIRES DE CHICAGO

Convencidos da inocência dos executados, eis como se expressam membros de suas famílias:

A mãe de Lingg, em uma carta: "Depois da tua morte estarei tão orgulhosa de ti como o estive durante a tua vida. Declaro que, se eu fosse homem, teria feito o mesmo que tu".

E a esposa de Pearsons revelou como poucas, uma firmeza de caráter só concebível nas grandes idealistas, dizendo: "Se de mim dependesse que Alberto peça perdão, que o enforcuem!"

Nina Von Zandt, pertencente à aristocracia americana, tendo-se enmorado de Spies no banco dos réus, justificou, assim, porque quiz ser a viúva de um enforcado:

"Prefiro a censura dessa sociedade imoral, que não pode compreender um verdadeiro amor duplicado pela comunhão de idéias e irmanado pela desgraça, a casar-me com um velho viloso e inválido, possuidor de grandes riquezas, o que mereceria as felicitações dos moralistas".

A EXECUÇÃO

Foi determinado o dia 11 de novembro de 1887 para a execução dos réus. Pisando a lei, a razão, a dignidade, a verdade e a justiça, a burguesia gritou: "Ao patíbulo!" Mas o trético patíbulo não perturbou a consciência dos condenados. Aqui estão as suas últimas palavras:

PEARSONS

Alberto R. Pearsons falou durante 8 horas perante o tribunal. Quando terminou sua admirável defesa, estava exausto. O júri não lhe tinha concedido sequer um minuto de descanso. Eis alguns trechos de sua defesa:

"Vosso veredito é o veredito da paixão, gerado pela paixão, alimentado pela paixão e realizado, enfim, pela paixão. E que é a paixão? E' a suspensão da razão, dos elementos de discernimento, de reflexão e de justiça necessários para chegar ao conhecimento da verdade. Este processo incluiu-se e organizou-se contra nós inspirado pelos capitalistas, pelos que creem que os trabalhadores não têm mais que um direito: o da obediência. Eles guiam este processo até este momento e, como muito bem disse Fielden, acusam-nos ostensivamente de assassinos e combatem: sou anarquista!" Mais adiante denam-nos como anarquistas. Pois diz: "O socialismo convide o povo para que discuta, examine, investigue e conheça todos os fatos sociais que produzem a miséria, a fome, a ignorância e o crime. Nós desejamos que todas as forças da natureza, que tocas as forças sociais, que essa força gigantesca, produto do trabalho e da inteligência das gerações passadas, sejam postas à disposição do homem, submetidas ao homem para sempre. Este e não outro é o objetivo do anarquismo".

A prova de que não tinha plano algum de violência quando compareceu ao comício de Haymarket, pois fora à última hora convidado por alguns amigos, é o fato de ter levado consigo sua filha Holmes e seus dois filhos. Ele mesmo o diz:

"E agora pergunto: é possível que em tais circunstâncias e condições acudisse a um complot? Para lançar bombas de dinamite? Isso é incrível; está fora da natureza humana crer na possibilidade de um ato tão non-truoso".

Eis, em síntese muito resumida, o relato do que foi o abominável processo que condenou à força os cinco idealistas e que deu origem à data de 1.º de maio.

Tudo foi inútil para provar a inocência daqueles abnegados lutadores do anarquismo. Só mais tarde, forçados pelo movimento de protesto que em todas as partes do mundo surgiu para exigir a revisão do processo, a sua inocência ficou sobejantemente comprovada.

UMA TENTATIVA DE REPARAÇÃO TARDIA

O governador de Illinois, John P. Altgeld, homem reto e amante da justiça, revendo o processo, fez resplandecer a verdade, em 1890, sendo postos em liberdade Neeb, Fielden e Schwab. Esse ato de justiça e honradez valeu-lhe, porém, as mais infames calúnias, por parte da imprensa mercenária a serviço do capitalismo, inclusive a de que se havia vendido aos anarquistas, antes de ser governador!

Era tarde demais: o crime consistente desse hediondo erro judiciário, havia sido perpetrado. Cairam os corpos dos mártires de Chicago, que a burguesia e as ditaduras mistificadoras agitam como bandeiras em festa, transformando a data em motivo de pagodes e orgias.

LIBERTO L. REIS

Guerra à guerra! — deve ser o brado de todos os homens de consciência reta



OS MARTIRES DE CHICAGO

Oito foram os acusados: Augusto Vicente Theodoro Spies, Miguel Schwab, Oscar W. Neeb, Adolfo Fischer, Luiz Lingg, George Engel, Samuel Fielden e Alberto R. Pearsons. Após a leitura extensíssima dos autos do processo só conseguiram provar que os acusados tinham idéias socialistas - anarquistas. Entretanto, apesar de ser reconhecida a sua inocência, cinco deles (Engel, Pearsons, Lingg, Fischer e Spies) foram condenados à morte; Schwab e Fielden à prisão perpétua, e Neeb a 15 anos de reclusão.

Eis aqui, em resumo, a origem do 1.º de Maio, que, longe de ser o dia de festa da consagração do trabalho, como nos querem impingir a burguesia, os governantes e os falsos amigos do proletariado, com o propósito de conseguirem desviar os trabalhadores do seu verdadeiro caminho, que é a luta pela ação direta, livre de todas as pelas políticas. O Primeiro de Maio não é senão um dia de luto e

Estilhaços...

um "tubarão". (Dos jornais) Foi preso em flagrante mais

"Era uma vez..." assim começa a história;

O rosário de cenas vai passando: Roubos, guerras e fome amontoando. No Deve e Haver sangrento da vitória.

Do "cambio negro" segue a trajetória O panendo burguês que, transformando As migalhas do pobre, vai somando O ouro que lhe ofusca a vil memória.

"Ao Lameção!" — era o grito popular Da França em convulsão de 89; E creio que o burguês isto conheça.

Mas se, acaso, não quer se recordar, Aqui deixo cair, para que prove, Este pingo de cera na cabeça...

FREI JOÃO-SEM-CUIDADOS



A LUTA ANTIFASCISTA

Os anarquistas não consideram o fascismo como fenômeno local adstrito a este ou aquele país, mas como manifestação internacional do sintoma de decomposição do regime capitalista, que, por esse meio, pretende fazer perder o domínio de seus privilégios, esmagando, pela reação feroz, todas as aspirações de bem estar e de liberdade do povo trabalhador.

Por isso, a luta contra o fascismo é a luta contra o regime capitalista. Não é, portanto, possível a união dos anarquistas com os elementos que, embora tenham transitariamente interesses diversos aos do fascismo, na campanha contra o mesmo pretendem apenas arredá-lo do caminho que devem percorrer em busca do poder.

Na luta franca, sem tréguas, contra o fascismo os anarquistas poderão encontrar-se lado a lado com outros elementos, sempre, porém, com independência de ação e não para conservar o regime que deu origem a essa forma requintada de poder e reação, mas para abatê-lo e favorecer a campanha libertária.

Quando o fascismo surgiu, encontrou os anarquistas em plena luta contra todos os elementos que lhe deram origem: princípios reacionários, sistemas totalitários e aventureiros em busca de domínio político.

No combate às hordas fascistas, os anarquistas não são combatentes da undécima hora. Enfrentaram-nas decididamente

desde o início de sua obra vandálica, dando-lhes batalha sem tréguas, por todos os meios, em todos os momentos, em toda a parte, fornecendo o maior contingente de perseguidos e de vítimas, que encheram prisões, que povoaram lugares de degredo e campos de concentração e de perdas de vida dos que tombaram nos embates sangrentos.

Assim foi na Itália e na Alemanha também, assim aconteceu onde quer que o fascismo tenha aparecido. Naturalmente, outra não podia, igualmente, ser a atitude dos anarquistas do Brasil. Recorrendo-se ao noticiário dos diários, folheando-se as coleções da imprensa libertária, ter-se-á conhecimento dos esforços que os anarquistas vêm desenvolvendo, ininterruptamente, na campanha antifascista.

Nessa luta continuam empenhados os anarquistas, denunciando e combatendo todas as manifestações de caráter fascista.

Quando constitui perigo, quando era crime combater o fascismo, os libertários jamais interromperam essa campanha contra esse elemento liberticida, aqui representado pelo integralismo, que tem nos anarquistas o seu maior e decidido inimigo. Anos após anos, a luta antifascista vem sendo sustentada por todos os meios, pelo movimento libertário, sempre vigilante à frente da agitação, como promotor ou participante.

uma e organizado pelos próprios trabalhadores.

CRITERIO SOCIAL

Tomamos o nome de anarquistas ou libertários porque somos inimigos do Estado, isto é, do conjunto de instituições políticas que têm por fim impor, a todos, os seus interesses e a sua vontade, mascarada ou não com a vontade popular.

Constituindo por si mesmo uma classe privilegiada, o Estado, no caso de subsistir depois de suprimida a classe burguesa, seria levado pela necessidade da própria conservação a restabelecer o privilégio, criando um partido seu, interessado em o sustentar, mesmo atentando contra os direitos da coletividade.

Somos, pois, anarquistas, porque queremos uma sociedade sem governo — uma organização política livre, constituída do indivíduo ao grupo, do grupo à federação e à confederação, com desprezo de barreiras e fronteiras, sendo a associação baseada sobre o livre acordo e naturalmente determinada e regulada pelas necessidades, aptidões, ideias e sentimentos dos indivíduos.

Essa é a organização política correspondente ao comunismo e que poderá garantir a igualdade de condições econômicas,

Neste momento de efervescência político-social no cenário da vida brasileira, torna-se preciso expor princípios claros e de fácil interpretação, para serem expostos ao exame dos debates públicos.

Cabe a todos esplanar princípios, pois os homens devem aparecer sempre em função de uma causa, de ideias que objetivem a solução dos problemas que aí estão solicitando todas as atenções e que irão surgindo no turbilhão dos acontecimentos.

Sujeitar o estudo e a solução dos problemas brasileiros à direção de homens providenciados, de messias envolvidos por aureolas e omnisciências, é contribuir para alimentar no povo a mentalidade mística que tem servido de base aos regimes totalitários, contra os quais os homens livres vêm lutando.

Por assim considerar, é que se publica este Manifesto expondo o ponto de vista libertário sobre os acontecimentos que empolgam o país e o mundo.

Torna-se isto indispensável em virtude do confusionalismo geral que envolve, presentemente, o movimento social-proletário do Brasil.

Empenhados em contribuir para que se esclareça a situação num momento em que não pode haver indecisões, examinam-se, neste trabalho, em linhas gerais, e sob o critério libertário, os problemas que afligem o povo brasileiro.

Qual a meta que se busca? Quais os ideais que sacodem o ambiente brasileiro? Em síntese, o que se aspira é pôr fim ao regime de desordem imperante e conquistar uma situação que a todos faculte, desde logo, um melhor teor de vida.

Para isso ser conseguido, entretanto, é preciso dar combate a todas as formas de tirania, de explorações e de embrutecimento, vencendo todos os obstáculos que impedem a caminhada pela estrada larga da liberdade, em busca de sempre mais amplos horizontes sociais, que nos conduzam para sempre mais além das injustiças que perturbam a felicidade geral.

Sem dúvida, a humanidade atravessa, neste momento sombrio de sua história, um período de transição, do fim apocalíptico de um ciclo de civilização para início de outro essencialmente diverso em seus fundamentos. A instituição baseada no domínio da burguesia demonstrou a sua incapacidade para dar solução aos problemas basilares da comunidade humana, cujos destinos vêm manobrando soberanamente.

O que impera é o regime de privilégio, no qual uma minoria tudo maneja de conformidade apenas com os seus interesses particulares, com a sua ambição de ganho. A sua finalidade única é acumular riquezas, embora, para isso conseguir, tenha de causar toda a sorte de misérias e sofrimentos, mesmo à custa dos descabros das guerras.

Quando milhões de criaturas passam fome ou vivem sujeitas ao regime de melação, enquanto, para permitir que os abastados, que já vivem fartamente, acumulem ainda mais riquezas, se limita a produção daquilo que é necessário para alimentar e vestir quem de tudo precisa.

Havendo multidões de necessitados por todo o mundo, chegouse a inutilizar quantidades imensas de coisas que haviam custado ingentes esforços e sacrificios para serem produzidas; a destruir poços de petróleo; a dilamar rebanhos de carneiros; a queimar milhares e milhares de sacos de café e de trigo; a jogar ao mar ou deixar apodrecer em esconderijos, mercadorias que poderiam beneficiar tanta gente! E isso porque? Para elevar os preços de tudo e permitir, dessa maneira criminosa, que os capitalistas aumentem ainda mais os capitais com que tudo conseguem dominar.

Aqui, proibiu-se a plantação de café e até as pequenas lavouras de cana para a rapadura de nossos caboclos tiveram de desaparecer, a fim de encarecer o açúcar e proporcionar maiores lucros aos ricos usineiros.

Formaram-se os institutos do café, do açúcar, do cacau, etc., para que esses produtos subssem de preço, elevando-se, dessa forma, o custo de vida. Ao impulso do esforço geral, conseguiram-se grandes progressos materiais; a ciência e a maquinaria puseram ao dispor dos ho-

O anarquismo no Manifesto

mens toda a sorte de possibilidades. Entretanto, tudo se maneja, se orienta, se movimenta no sentido de atender às conveniências de ganho da minoria que está de posse da terra e de todos os meios de produção.

A produção não se faz para satisfazer as necessidades coletivas, isto é, de cada um dos brasileiros e da nação em geral. Produz-se unicamente como, quanto e quando convém aos capitalistas. Daí, o cenário de chocantes contrastes que apresenta a vida brasileira. Possuímos todos os climas e todas as temperaturas, tudo produzindo as nossas terras.

Mas, o Brasil não pertence a todos os brasileiros. O Brasil não pertence, efetivamente, a todos os brasileiros. A verdade é bem outra, chocante, mas que ninguém poderá, com acerto, negar. O Brasil pertence, de fato, apenas a uma minoria de sua população. Sim, o Brasil pertence a umas centenas de ricos latifundiários, fazendeiros, industriais, negociantes e tubarões das finanças, brasileiros e estrangeiros, que vivem, nos centros de produção e também na governação do país, manobrando a engrenagem estatal, diretamente ou por intermédio dos políticos profissionais, que, por sua vez, manobram o burocratismo parasitário. Desde os seringais da Amazônia até os pampas sulinos, a maioria dos brasileiros, desntrida pela sub-alimentação, mal vestida e quase sempre descalça, roída em sua saúde por toda a sorte de epidemias, sem nenhuma assistência, mantida na ignorância e privada de qualquer meio de recreação, toda essa multidão sofridora vive a moquejar pesadamente nas terras de cultivo, nos campos de criação, nos centros industriais, no comércio, nas galerias do subsolo e no mar, em toda a parte e em todos os mistérios para enriquecer e manter na opulência uma pequena classe de abastados.

Enquanto os tubarões das finanças, das indústrias, do comércio e da governação acumulam fortunas colossais à custa do cambio negro e de negociações de toda a espécie, explorando a situação tormentosa criada pela guerra, o povo vê a miséria rondar-lhe a porta, em consequência do encarecimento inenunciável do custo de vida. Taxaram-se os lucros extraordinários, mas os exploradores do suor do povo continuam acumulando grandes riquezas; aumentaram-se os salários de diversas categorias de trabalhadores, mas os capitalistas fizeram recair esse aumento sobre os preços das mercadorias, tudo encarecendo em proporções inacreditáveis. As condições de vida do trabalhador vão-se tornando, assim, dia a dia, mais penosas, verdadeiramente assustadoras. E esta é a situação que, com pequenas variantes de graduações, vem dominando a vida brasileira e que está agora atingindo o paroxismo, em virtude das perturbações acarretadas pelo descabro administrativo, cujas consequências apenas o povo sofre efetivamente.

Que fazer para enfrentá-la? Manter-se o povo indiferente à sua sorte, deixando-se definir lentamente, sem um gesto de hombridade, sem uma demonstração afirmativa de seus direitos? Não é possível!

Ninguém deve hesitar ante esta verdade: a origem da miséria, da insegurança e da inquietação de todos os brasileiros está no monopólio, pelos capitalistas, da riqueza produzida diretamente e efetivamente pelo povo trabalhador, que, no entanto, constitui a classe pobre, sujeita a todas as agruras da escassez do mais essencial à vida. Evidencia-se, conseqüentemente, que a única solução para o problema político-social brasileiro, e, aliás, para os demais povos, sujeitos, como o nosso, à mesma crise, será substituir o regime de privilégios dominante, que concede aos capitalistas, senhores de todos os meios de produção, o direito de vida e de morte sobre o trabalhador.

Torna-se indispensável organizar a sociedade brasileira de maneira que a terra e os instrumentos de produção sejam postos, como patrimônio comum, ao serviço da produção destinada a satisfazer as necessidades coletivas e não as ambições

de riqueza da minoria capitalista.

É preciso assentar a organização do Brasil de forma que assegure a cada brasileiro o seu desenvolvimento integral e o bem estar à coletividade, uma organização que considere o indivíduo como sua unidade essencial e que, repudiando todas as normas totalitárias e ditatoriais, seja baseada no livre consenso, determinada e regulada pelas necessidades, aptidões, ideias e sentimentos de cada qual, dentro de uma vasta confederação comunista-libertária de comunas livres, estruturadas pelas organizações profissionais, técnicas, científicas, artísticas, culturais, recreativas, etc. Para essa finalidade vem caminhando a humanidade e tudo faz esperar que o reajustamento do mundo, após este período de transição, terá de ser feito dentro dessas novas normas de convívio social.

Somente assim poderá ser solucionado o problema brasileiro. E, se isso se fizer, desaparecerão as causas das misérias e opressões que a todos atormentam e haverá possibilidade do povo desta terra, irmão numa grande família, passar a viver num regime em que o bem estar e a liberdade constituirão a norma comum de vida. Assim pensam os anarquistas, e por isso sempre lutaram e continuam a lutar.

SOBRE A DEMOCRACIA

Para que espécie de democracia é proclamado o povo brasileiro? Será para a democracia de concepção eleitoral, de pessoas que dela se utilizam por espírito de vaidade pessoal ou para conquista de postos de mando? Daqueles que, invocando a defesa dos interesses do povo se locupletam com os dinheiros públicos, exercem advocacia administrativa, e se

Apelo às consciências

Ai ficam, em largos traços, o que os anarquistas têm a dizer quanto à hora que passa. Não é mais um manifesto partidário a ser somado aos muitos que, neste momento de disputa de votos, enchem paredes e muros, ocupam colunas e colunas de jornais e são gritados pelas ondas hertzianas.

Nada disso. Não vimos pedir que o povo nos eleve às sinecuras parlamentares e governamentais. Nunca pedimos votos e jamais os pediremos. E, se não pedimos, também nada oferecemos. Em época alguma os anarquistas se ofereceram para representar o povo, porque entendem que ao povo cabe cuidar de seus direitos. Nunca nos alvorçamos em mentores do povo, por que ao povo pertencemos e com ele lutamos.

Este documento reflete uma afirmação de consciência alimentada por princípios e bem

envolvem em mil maneiras, melhorando apenas o estar?

Para a democracia alimentar o burocrata tor ou que serve de domínio de part tra finalidade que exercício de predo administração publi

Seria errado. A que estabelece a ig conteúdo econômico moocracia claudicante por ela proclamado caráter político, r analizado, é apenas teórico.

A democracia de cerne da organização país, consubstanciados diretos e todas a tendentes a facilitar ampla expansão da dual e coletiva do

A verdadeira democracia a que respeite a cação histórica, a integral, isto é, libreflete a aspiração direito a uma ex de toda a opressão econômica, a demo da qual o povo em seu quinhão de be paz e de alegria, h apenas de uma mi

Democracia efetiva signifique igualdade, pois, abolição de vilégios político-econômicos, todas as desigualdades entre os brasileiros

Democracia exprime circunscrita a classe, partido, grúviduo, mas, sint, lpla, sem entraves, mentos diretos ou compressão, enfim para todos, ind Democracia que re Democracia quer o clade, diz, por outra individual e coletivo deve ser on tal maneira, que a

sentidos, uma afirmamos propósitos de mas decidida, contra formas de tirania, d e de embrutecimento contra o povo e de de liberdade e bem todos.

Estamos convencidos os ideais condensados blimes concepções ões privilegiadas senciadas na odiss gante de gerações abnegados, atingiram ximo grau de matur clamam o lugar qu pete na história da v

Urge, portanto, pobra principada pedos de outrora, para do alem das fronte cionais ruir fragore arcabouço apodrecido social dominante, tar vo desta terra, no ar novo e sublim elí d



Assim realizam os senhores do mundo suas confere e aproxima-se o dia em que os povos estabelecerão definitivamente as fronteiras

momento presente

esto - Programa

mil negociatas, al-
penas o seu bem-

moocracia que cria e
burocratismo corrup-
serve de elemento
de partidos sem ou-
de que não seja o
predominância na
o publica?

ndo. A democracia
e a igualdade sem
onômico é uma de-
ducente e o direito
clamado apenas em
lítico, rigorosamente
apenas um direito

ca deve estar no
rganização social do
ostanciando todos os
todas as liberdades
facilitar a mais
nsão da vida indivi-
dos brasileiros.

esta democracia se-
spete a sua signifi-
ca, a democracia
é, libertária, que
piração instintiva do
uma existência livre
pressão política ou
a democracia mere-
ovo em geral terá o
de bem estar, de
egria, hoje privilégio
uma mineria.

ta efetiva será a que
gualdade social e,
ão de todos os pri-
tico-econômicos, de
desigualdades sociais
brasileiros.

ta exprime liberdade
crita a determinada
de, grupo ou indi-
sim, liberdade am-
traves, sem instru-
tos ou indiretos, de
enfim, liberdade
s, indistintamente.

que rdizer frater-
quer dizer frater-
tor outra, que a vida
coletiva dos bras-
ser organizada de
que a felicidade de

ta afirmação de
firtos de ação, serena
a, contra todas as
rança, de exploração
ntendimento exercidas
vo e de luta em prol
e e bem-estar para

convencidos de que
condensados nas su-
cepções de cerebra-
gladas e quinta-
na odisséia empol-
erações de lutadores
atingiram o seu ma-
de maturação e re-
lugar que lhes com-
ória da vida humana.

lanço, prosseguir na
piada pelos abnega-
ora, para que, quan-
s fronteiras conven-
fragorosamente o
podrecido do regime
nante, também o po-
ra, no arrebol de um
im 13 de Maio, con-

ta afirmação de
firtos de ação, serena
a, contra todas as
rança, de exploração
ntendimento exercidas
vo e de luta em prol
e e bem-estar para

convencidos de que
condensados nas su-
cepções de cerebra-
gladas e quinta-
na odisséia empol-
erações de lutadores
atingiram o seu ma-
de maturação e re-
lugar que lhes com-
ória da vida humana.

lanço, prosseguir na
piada pelos abnega-
ora, para que, quan-
s fronteiras conven-
fragorosamente o
podrecido do regime
nante, também o po-
ra, no arrebol de um
im 13 de Maio, con-

ta afirmação de
firtos de ação, serena
a, contra todas as
rança, de exploração
ntendimento exercidas
vo e de luta em prol
e e bem-estar para

convencidos de que
condensados nas su-
cepções de cerebra-
gladas e quinta-
na odisséia empol-
erações de lutadores
atingiram o seu ma-
de maturação e re-
lugar que lhes com-
ória da vida humana.

lanço, prosseguir na
piada pelos abnega-
ora, para que, quan-
s fronteiras conven-
fragorosamente o
podrecido do regime
nante, também o po-
ra, no arrebol de um
im 13 de Maio, con-

ta afirmação de
firtos de ação, serena
a, contra todas as
rança, de exploração
ntendimento exercidas
vo e de luta em prol
e e bem-estar para

convencidos de que
condensados nas su-
cepções de cerebra-
gladas e quinta-
na odisséia empol-
erações de lutadores
atingiram o seu ma-
de maturação e re-
lugar que lhes com-
ória da vida humana.

lanço, prosseguir na
piada pelos abnega-
ora, para que, quan-
s fronteiras conven-
fragorosamente o
podrecido do regime
nante, também o po-
ra, no arrebol de um
im 13 de Maio, con-

ta afirmação de
firtos de ação, serena
a, contra todas as
rança, de exploração
ntendimento exercidas
vo e de luta em prol
e e bem-estar para

convencidos de que
condensados nas su-
cepções de cerebra-
gladas e quinta-
na odisséia empol-
erações de lutadores
atingiram o seu ma-
de maturação e re-
lugar que lhes com-
ória da vida humana.

lanço, prosseguir na
piada pelos abnega-
ora, para que, quan-
s fronteiras conven-
fragorosamente o
podrecido do regime
nante, também o po-
ra, no arrebol de um
im 13 de Maio, con-

ta afirmação de
firtos de ação, serena
a, contra todas as
rança, de exploração
ntendimento exercidas
vo e de luta em prol
e e bem-estar para

convencidos de que
condensados nas su-
cepções de cerebra-
gladas e quinta-
na odisséia empol-
erações de lutadores
atingiram o seu ma-
de maturação e re-
lugar que lhes com-
ória da vida humana.

lanço, prosseguir na
piada pelos abnega-
ora, para que, quan-
s fronteiras conven-
fragorosamente o
podrecido do regime
nante, também o po-
ra, no arrebol de um
im 13 de Maio, con-

uns não confine na infelicidade
dos demais. Para consecução,
portanto, desse desiderato, é
mister que não haja quem — os
capitalistas — gozando de rega-
lias e privilégios, se atire até
ao superfluo, ao passo que a
maioria constituída pelo prole-
tariado, pelo povo, embora dê
à coletividade todas as suas
energias e esforços, se vê con-
denada a uma existência de pri-
vações e tormentos.

Democracia, finalmente, é o
regime do povo, pelo povo e
para o povo, e não prerrogati-
vas de determinadas classes ou
partidos, incumbindo ao povo
orientar, diretamente, com a
ausência do Estado, seus pró-
prios destinos, tanto na orga-
nização da produção, da distri-
buição e do consumo, como na
administração geral do país, de
forma que se proporcione toda
sorte de bem estar e liberdade
a todos os brasileiros. Essa é
a democracia que está contida
nas bases dos princípios
anarquistas e pela qual bata-
lhamos todos os libertários.

MILITANTES E NÃO LIDERES

Neste momento de equação de
valores sociais, de bafejamento
de consciências não é mais con-
cebível haver elementos que
pretendam agir de novo como
mandantes do povo e, principal-
mente, da classe trabalhadora,
apresentando-se como seus men-
tores e guias situados em postos
de mando de agrupações parti-
dárias, a expedir instruções e
palavras de ordem de cima para
baixo, de dirigentes a dirigidos.

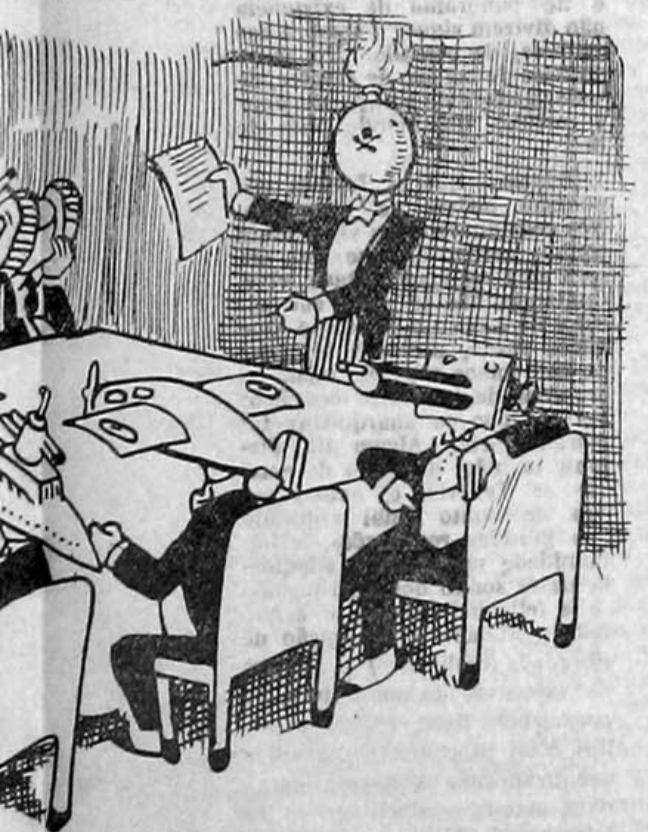
Não é possível, neste instan-
te decisivo de reestruturação da
vida nacional, que haja os que
tentem arvorar-se em pastores
políticos para conduzir o povo
em panurgico rebanho ou pre-
tendam que se lhes emprestem
os ombros à guisa de escada,
para o salto às alturas dos car-

ciências livres

quiste a sua alforria derradeira,
fazendo o que o Brasil, em
toda a sua grandiosidade, pas-
sando a pertencer a todos os
seus habitantes, a todos propor-
cione a vida folgada e feliz que
a exuberância trabalhada de
suas riquezas naturais permite.

Aos homens de espírito es-
clarecido, à mocidade sempre
propensa à defesa das grandes
causas, a todos quantos resis-
tem às corrupções desta socie-
dade falida, ao proletariado ex-
plorado e oprimido, ao povo
que labuta e sofre incumbe a
consecução dessa obra gigan-
tesca mas necessária.

Com todos estarão os anar-
quistas nessa cruzada reden-
tora, ofertando como penhor
de sua sinceridade todo um
longo passado de esforços des-
interessados e de sacrificios
suportados serenamente na pe-
leja em prol de uma causa que,
sendo de todos, é também sua.



conferências de paz — preparando novas guerras. Mas
serão definitivamente a paz, confraternizando-se através
s fronteiras.

gos de representação ou de
mando.

Não é admissível que se que-
ra continuar conduzindo o povo
como servil submisso, sempre
à mercê dos manejos e concha-
vos de vivedores da política ou
de pretensos salvadores, apare-
cendo ele, o povo, em todas as
ocasiões, como mero comparsa.

É preciso que na vida bras-
leira milite um povo consciente,
constituído de individualidades
cada qual sabendo o que quer
e o que faz, agindo de acordo
com os ditames de sua consciên-
cia esclarecida, e não uma coisa
impresca emanada de massas
incolores, iludidas por encena-
ções aparatosas, embrutecidas
pelo espírito de obediência pas-
siva a chefes, a pastores polí-
ticos, a líderes transformados
em messias salvadores, em ho-
mens providenciais, que bem
podem ser um Antonlo Conse-
lheiro ou um "fuehrer" de fab-
ricação nacional, um padre Ci-
cero ou um "duce" qualquer,
fanatizadores de multidões de
camisas pretas, pardas ou ver-
des.

Sempre, em qualquer circuns-
tância e em qualquer meio, a
ação deverá ser do povo, agindo
por si e não a reboque de ele-
mentos que surgem e agem, em
momentos como este, com atí-
tudes e intuítos de "duces" de
nova espécie.

Assim, o povo terá a demons-
tração direta e convincente do
seu próprio valor e da eficiên-
cia de sua ação o que o levará
a confiar cada vez mais no resul-
tado de seus esforços. Destarte,
libertar-se-á do espírito messia-
nico que o tem feito esperar de
falsos defensores a consecução
de suas aspirações, que somente
poderão ser conseguidas por sua
atuação consciente e ininter-
rupta.

AÇÃO DOS ANARQUISTAS NA VIDA PUBLICA

Não obstante lutarem pela
radical transformação da socie-
dade, os anarquistas nunca se
conservaram isolados e encer-
rados na torre de marfim dos
seus ideais, mantendo uma atí-
tude de meros espectadores ou
de propagandistas cuja ação in-
teresse apenas a um número li-
mitado de pessoas mais ou me-
nos ligadas ao seu movimento;
ao contrário, jamais se alheia-
ram dos acontecimentos de in-
teresse coletivo que se desen-
volvem ao país.

Os libertários interveem
sempre e ativamente nos de-
bates das questões publicas em
que os direitos populares são
postos em jogo, estudando-os,
discutindo-os e agindo por to-
dos os meios, dando o exem-
plo da atividade e do espírito
de iniciativa, influenciando mes-
mo na solução das questões de
caráter imediato, na consciên-
cia popular para despertar o
seu interesse pelo problema da
transformação social.

Dessa forma, repelindo toda
a aliança ou entendimento com
elementos políticos de qualquer
fação, desprezando a ação par-
lamentar, os libertários, como
partes integrantes que são da
coletividade, procuram sempre
estar com o povo em todas as
suas manifestações de descon-
tamento, esforçando-se para
orientá-lo e evitar que ele seja
vítima dos manejos dos elemen-
tos da política, bem como
associando-se, estimulando e
promovendo as iniciativas que
tenham por fim reagir contra
as prepotências e explorações
governamentais e dos capitalis-
tas e sustentar as reivindicações
de seus direitos menosprezados.

OS ANARQUISTAS E AS CHA- MADAS FRENTE-UNICAS

De quando em quando, são os
anarquistas solicitados a partici-
par de frentes-unicas para,
alega-se, tornar mais eficiente
a luta contra os elementos rea-
cionários.

Há quem extranhe, mas é na-
tural a relutância dos libertários
em atenderem a esses convites.
O exemplo de atuações passadas
é que dita essa sua conduta.
Sempre que se aliaram a outros
elementos, aqui e em toda a
parte, foram vítimas de desleal-
dades e até de torpes traições.
Por isso essa aproximação so-
mente poderia ser feita com ele-
mentos que, embora de nós di-
vergiando em pontos de doutri-

no e de metodo de ação, lives-
sem, entretanto, uma finalida-
de comum, na atual emergência,
como, por exemplo, o combate
aos movimentos fascistas e a
todas as formas de ditaduras e
em prol de um regime de equi-
dade social.

Isso, porém, é raramente prac-
ticável, porque os que propalam
a necessidade de frentes uni-
cas, de unidade de ação, etc., o
que pretendem é arrebanhar pa-
ra junto de si as massas obe-
dientes e berrantes. Esses ele-
mentos querem a adesão alheia,
principalmente a nossa, para
imporem sua hegemonia facio-
sa, fazendo como obra exclu-
sivamente sua o resultado do
esforço comum.

É por isso que, no desenvol-
vimento de sua ação, os anar-
quistas se mantêm, em face das
agrupações politico-sociais, em
atitude de intransigente afirma-
ção dos princípios libertários,
não estabelecendo com as mes-
mas ligações momentaneas ou
permanentes que possam corres-
ponder ao desprestígio de seus
princípios e de sua ação especí-
fica.

Entretanto, evitando híbridas
alianças, em iniciativas de ca-
rater popular, na base de idéias
precisas, não menosprezam a
cooperação com elementos não
pertencentes ao seu movimento
e que, não estando comprometidos
em ações contrárias ao ele-
mento proletário e avançado,
demonstrem a sua simpatia pela
causa de renovação social e
queiram prestar-lhe o seu auxí-
lio, sem intuítos políticos ou
a pretensão de ingerência, di-
reta ou indireta, na vida inti-
ma das associações obreras ou
das agrupações sociais e não se
escandalizem quando sejam dis-
cutidos os seus pontos de vista
particulares e as suas atitudes.

A PROPOSITO DA REVOLU- ÇÃO RUSSA

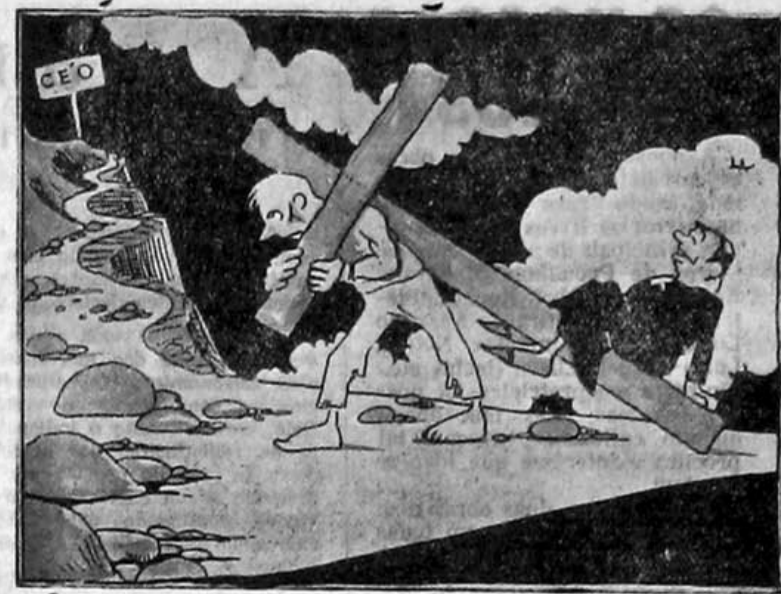
Como anarquistas, não podi-
amos deixar de sentir-nos liga-
dos, pela nossa simpatia e soli-
diedade, ao movimento revol-
ucionário russo, soberbo es-
forço dos revolucionários so-
ciais vanguardados pelos anar-
quistas, que conseguiu derru-
bar o domínio do capitalismo
em sua forma politico-econô-
mica mais tirânica, objetivando
o estabelecimento de uma orga-
nização social consentanea com
as aspirações de suprema jus-
tiça da coletividade humana,
constituindo esse movimento um
surto grandioso na marcha da
revolução social em todo o
mundo.

Os bolchevistas, aproveitando-
se de circunstancias especiais
servindo-se de mistificações po-
líticas, favorecidos pela ausên-
cia de uma forte organização
operária revolucionária, estabe-
lido, que ainda hoje domina so-
lamente a ditadura de seu par-
beranamente a nação.

Apoiado nessa ditadura parti-
dária, cognominada do prole-
tariado, mantem o bolchevismo o
seu Estado totalitário, com uma
engrenagem administrativa e
política centralista, impondo
autoritariamente as suas ordens
à coletividade e impedindo, pela
força, o desenvolvimento das
tendências federalistas libertá-
rias da revolução, atrofiando o
esforço dos indivíduos, dos gru-
pos e das corporações proletá-
rias tendente a aproveitar a po-
se dos bens sociais e a consciên-
cia despertada do povo para
encaminhar a ação renovadora
do período revolucionário no
sentido do comunismo federalis-
ta libertário.

A revolução russa era uma es-
perança, uma promessa, mas a
política de Estado matou o seu
espírito socialista, extranguou
os ímpetus renovadores da re-
volução, manifestados, princí-
palmente, pelos marinheiros de
Kronstad e pelos camponeses
macrovistas da Ucrânia, perse-
guidos pelos bolchevistas. E,
no cabo de poucos anos, aquele
grande país deixou de ser um
símbolo de libertação para con-
verter-se em um ideal de buro-
cratas. Hoje é uma potência im-
perialista junto a outras, potên-
cias imperialistas, que prepara
a guerra como todos os outros
Estados, que tem tão pouco a ver
com o socialismo e com as
idéias do proletariado como
qualquer outro Estado. Era um
desenlace previsto, que pode ex-
tranhar a outros, mas não aos
anarquistas, que assinalaram
esse abismo em sua crítica per-
manente.

A Natureza engendrou o direi-
to de comunidade, e foi a usur-
pação que produziu o direito de
propriedade. — Santo Ambrósio.



A luta anticlerical

Não é possível, nesta delica-
da situação da vida do Brasil,
deixar de apontar ao povo desta
terra o perigo da asoerbante
influência clerical que aqui se
manifesta em todos os sentidos.
A ação do clero romano assume
hoje a feição de verdadeiro im-
perialismo, que estende os seus
tentáculos por toda a parte.

O ultramontanismo domina
soberanamente em todos os
setores da vida brasileira. Exe-
cutando as palavras de ordem
ditadas pelos altos poderes do
Vaticano, os agentes do gover-
no papalino espalham-se por
todos os recantos do país, desde
as grandes capitais até os pe-
quenos arraiais do sertão bras-
ileiro. Agem no recesso do
lar, minando consciências por
intermédio do confessionário e
das aulas de catecismo minis-
tradas nas sacristias; invadem
as repartições publicas, domi-
nam o ensino nas escolas, che-
gam até às forças armadas, são
encontrados nos meios associa-
tivos, exploram no comércio e
na industria e dominam na po-
lítica e nas esferas governamen-
tais.

Essa preponderancia clerical
em todas as manifestações da
vida brasileira torna-se, de dia
para dia, mais acentuada, mais
dominante, apresentando já a

negra perspectiva de uma dita-
dura teocrática a extrangular,
muito breve, os resquícios de
liberdade que ainda nos restam.

Em seu posto de combate,
nessa peleja, continuam, firmes
e intransigentes, os anarquistas.
Suportando toda sorte de perse-
guições, por meio da imprensa
e da tribuna popular e de orga-
nizações agindo nos centros
principais do país, os libertá-
rios se colocaram sempre á
frente do movimento anticlerical
no Brasil, atividade essa que
nunca abandonaram.

E jamais abandonará essa
luta, que se evidencia hoje
mais imperiosa do que nunca.
O direito de cada qual professar
livremente, propagar e cultivar
a sua crença deve ser respeita-
do, mas o gôso desse direito,
comum à propagação de todos
os princípios, não justifica o
domínio aqui exercido pelo
clero.

Dai a necessidade de ser ati-
vada a campanha contra a in-
fluência dominante no Brasil do
imperialismo ultramontano, com-
batendo-o em sua ação reacio-
nária de elemento auxiliar da
exploração capitalista, fazen-
do-lhe frente como força eco-
nômica e política que é a serviço
de privilegiados e tiranos, opon-
do embaraços à emancipação
social do povo.

METODO DE AÇÃO

Concepção integral, o anar-
quismo tem um metodo proprio
de ação, baseado na livre ini-
ciativa e na solidariedade.

Os poderes publicos cedem
apenas as liberdades que são
tomadas. A lei é inútil, quando
não é nociva; fica letra morta,
quando registra uma liberdade
se o povo a defende e usa.

Repudiamos, portanto, a ação
eleitoral e parlamentar, que só
serve para reforçar o Estado,
dar prestígio às velhas insti-
tuções autoritárias e adormecer
as energias populares.

O nosso metodo é a ação di-
reta, que, desde já, ainda na
conquista de pequenos melhora-
mentos atuais, tende a despertar
a iniciativa, o espírito de expou-
taneidade, a decisão, a cora-
gem, ensinando a massa popular
a agir por conta própria, a unir-
se e a viver sem luta.

Porque ação direta, mais que
nunca, é o processo exato de
rebelião proletária. Fora da
ação direta só um metodo existe:
o colaboracionismo, o refor-
mismo, as eleições com vistas ao
poder, numa palavra, ação in-
direta.

Todos os partidos pseudo-re-
volucionários, de esquerda, por
mais sinceros e competentes os
seus chefes, no brejo parlamen-
tar têm-se atolado, sucumbido,
incapazes de solver o problema
social. E por que? Porque, em
vez de dinamitarem a tremenda
máquina, o Estado e, no campo
livre, erguer as livres comunas,
se fazem maquinistas ou fo-
guistas da mesma máquina. Evi-
dentemente, se a gigajoga foi
feita especialmente para forjar
leis, os novos guleiros dela não
podem senão tirar leis. Mas,
quem diz lei, diz limitações,
obrigações, cerceamento for-
çado, homens que as ditam e ho-
mens que as cumprem, o bur-
guês, autor, e o povo, obede-
cedor.

Ação direta é hoje, após duas
guerras desenganadoras, o ca-
minho, indicado desde muito e
agora confirmado, de levar os

expoliados de tudo à reivindi-
cação o que é seu.

Ação direta é o meio certo de
vencer, porque é o unico meio
amendrontador do capitalismo.
Nenhum parlamento assusta a
alta finança. Parlamento é ca-
sa do Estado, salariado seu, a
mascara política inventada para
fazer crer ao povo ser ele, po-
vo, o soberano e serem purpuras
seus andrajos de escravo.

Ação direta é a voz unica das
reivindicações: a de Spártacus
revoltando gladiadores, a dos
servos medievais, irrompendo
contra feudatários bárbaros, a
da revolução francesa assaltan-
do bastilhas, destruindo nobrezas,
apeando cleros, a de Zumbi
lutando com os escravos por
sua libertação nos Palmares, a
dos abolicionistas brasileiros
protegendo, concitando os mo-
ços, obrigando o império a lei
de 13 de maio.

Só a ação direta abala troncos,
ameaça tearas, convolve mundos.
Só ela, principalmente, educa
e fortifica o povo espoliado na
sua luta milenar. Ação direta
é a revolução. Onde ela atua,
atua o espírito novo, o espí-
rito inqueito do presente, o espí-
rito construtor do futuro,
porque, feita a revolução, ela,
ação direta, irá criar o novo
mundo, a nova humanidade, e
será, livre das pelas estatais e
religiosas, sempre ação, sempre
energia, sempre ideal.

A Redação de A PLEBE

Ainda não conseguimos uma sala
para a redação e administração de
"A Plebe". Por isso, estamos ins-
talados, provisoriamente, na rua
José Bonifácio, 387, 1.º andar, sa-
la 10, onde, todas as noites, a par-
tir das 20 horas, haverá uma pes-
soa encarregada de atender quem
precise tratar de assuntos referen-
tes ao jornal.

OS NOSSOS LIVROS

A quase totalidade das obras de nossos autores acha-se esgotada, sendo raro encontrar-se nas livrarias livros sobre os temas principais de nossa doutrina. Livros de Proudhon, Malatesta, Kropotkin, Fabbri, Rocker, Pietro Gori, Jean Grave, Anselmo Lorenzo, Bakunin, Max Nettlau, Luiza Michel, Eliseu Reclus etc., são raros nas prateleiras de nossas livrarias, pois tais obras, quando editadas, provocam tal procura e interesse que logo se esgotam.

Agora, porém, duas obras novas acham-se à venda em todas as livrarias, para as quais chamamos a atenção de todos os nossos leitores e também de todos os que desejam conhecer as bases de nossas doutrinas.

"EM TORNO DE UMA VIDA", editado pela Livraria José Olympio, é uma das obras mais famosas da literatura libertária. São as memórias de um dos mais abalados doutrinadores do anarquismo, Pedro Kropotkin, figura de prestígio universal, que ao contar a sua vida nos faz um apanhado perfeito das bases de nossa doutrina.

A outra é "IDEIAS ABSOLUTISTAS NO SOCIALISMO", de Rudolf Rocker, uma crítica de esquerda, crítica conscienciosa e contundente do absolutismo no socialismo, fonte de tantas discordâncias de tantas lutas, de tantas mortes e de tanto impecilio à obra verdadeiramente socialista. Este livro foi editado pela Editora e Distribuidora Sagitário Ltda.

Festa Campestre em benefício de "A Plebe"

O Grupo Terra Livre está organizando um festival campestre, com o fim de arrecadar alguns recursos em favor da publicação de "A Plebe". Esse piquenique será realizado em Nossa Chacara, no dia 25 de Maio, com um programa no qual se procurará reunir o útil ao agradável, nele figurando um ato litero-musical, com números musicais, canto, recitativos, palestras, etc., partidas de pingue-pongue e cestobol, além de brinquedos para as crianças. Deles participarão dois núcleos musicais.

Nossa chacara fica em Italm, suburbio da variante da Central tomando-se o trem na Estação Roosevelt (do Norte). Os trens partem às 6,00 e 9,00 horas.

Os anarquistas que ainda não leram o livro de Afonso Schmidt "Colônia Cecilia", estão perdendo excelente oportunidade que lhes permitiria conhecer um dos mais belos episódios da realização prática do anarquismo.

Não penso como apreciador da extraordinária experiência realizada nos sertões do Paraná, que consideram haver fracassado, ali, a prática do mundo novo sonhado pelo dr. Giovanni Rossi: ao contrário, creio que constitui uma demonstração feliz da praticabilidade social das ideias anarquistas.

O valor dessa realização experimental toma proporções grandiosas, quando consideramos os personagens que nela estiveram envolvidos. Afonso Schmidt foi de uma fidelidade rigorosa na apreciação e exposição dos fatos que caracterizaram aquele movimento social no período final do império brasileiro, levado a cabo por imigrantes italianos. A Colônia Cecilia foi uma afirmação definida de que é possível a organização do mundo sem governo, sem leis e sem patrões.

Fracassou, não por culpa do anarquismo, mas, precisamente, pelas causas que os anarquistas combatem: o princípio de autoridade, o dinheiro, a corrupção moral! Tarávis é um efeito, não uma causa. O seu gesto, própria das grandes perversões morais, pondo o ponto final à vida da Colônia Cecilia, constitui a interrupção brutal de um sonho já realizado.

O princípio de solidariedade humana, o amor livre, a auto-disciplina, a capacidade construtiva dos anarquistas foram ali caldeados ao calor das convicções, tornaram-se na prática, mais sólidos.

Não fosse a intromissão do Estado que executou o "despe-

A carestia da vida

O ENCARCIMENTO DE TODAS AS UTILIDADES ESTÁ NA RAZÃO DIRETA DA GANANCIA CAPITALISTA

A situação angustiosa a que está sujeito presentemente o povo, fazendo com que, onde não reina a miséria a penúria impera, reclama medidas de emergência de caráter decisivo e de pronta execução.

A carestia da vida atinge uma situação indescritível. Os preços das mercadorias elevam-se a proporções astronômicas. Os alugueis, os gêneros alimentícios, os combustíveis, o vestuário, os medicamentos, tudo, enfim, quanto é indispensável à vida está sujeita às roubafeiras dos açambarcadores, manobreadores do "câmbio negro" que, como um polvo imenso, praticam a sua exploração em todos os setores de atividade, dominando pelo suborno infrene, que está exercendo uma influência deletéria no ambiente social.

Urge, pois, desde logo, mover guerra sem tréguas. Implacável e corajosamente, contra os exploradores da miséria do povo, como a aplicação de medidas drásticas imediatas.

Ao mesmo tempo, agir desassombadamente no sentido de se conseguir a redução dos alugueis; a abolição dos tributos de toda natureza que gravam os gêneros de primeira necessidade, barateamento e regularização dos meios de transportes, etc.

Mas como conseguir isso? A quem confiar a aplicação das medidas necessárias? Continuar-se esperando que a salvação saia das engrenagens trituradoras das coordenações?

Certamente que não, pois seria permanecer-se na mesma situação.

A quem, então, competirá agir em defesa dos interesses do povo? A experiência já demonstrou cabalmente que o povo nada poderá esperar de quem quer que seja e que somente a sua própria ação é produtiva. Isso tem sido constatado aqui como em toda a parte.

Não vimos o que aconteceu, ainda recentemente, na Europa devastada pela guerra provocada pelas disputas dos lobos do capitalismo? Destruíram-se milhares de casas e o povo ficou ao relento. Mas havia muitas casas desocupadas ou destinadas a coisas inúteis. E o povo ocupou-as para nelas habitar. Na Itália, a guerra deixou multidoes de camponeses desocupados. Mas havia extensões enormes de terras de latifundiários parasitas que as conservavam improdutivas. E os camponeses arrebentaram as cercas e trataram de cultivá-las para delas tirarem produtos necessários à vida da população italiana. Ainda na Itália, também por efeito da guerra, a atividade de Carrara ficou paralisada em virtude da destruição de uma ponte indispensável à vida da cidade e que a burocracia estatal tardava em reconstruir, provocando, com isso, a desocupação e a miséria. Mas os trabalhadores, orientados pelos libertários, puseram mãos à obra, e a ponte rapidamente foi reconstruída, dando nova vida à cidade dos mármore eternos.

Mas não precisamos sair daqui. Não vimos como agiu galhardamente a juventude estudantil no combate à ação dos açambarcadores, dando uma soberba demonstração do valor da ação direta?

E ainda aqui temos outro exemplo a indicar como se poderá agir.

De grande vulto foi o movimento popular contra a carestia da vida em vários períodos e em muitos pontos do país. Em São Paulo e na Capital da República, essa agitação, promovida por trabalhadores, estimulados pelos libertários, assumiu, em certa época, grandes proporções. Numa sucessão de comícios que se realizaram por todos os pontos das duas Capitais e em lugares centrais, essa agitação forçou os governantes a juntarem às violências contra os trabalha-

dores certas medidas tendentes a minorar a situação atormentada da população pobre. E surgiram, em São Paulo, por todos os bairros, as sopas escolares, que distribuíam refeições de emergência ao povo. A seguir, como medida de caráter permanente, criaram-se, no Rio e em São Paulo, as feiras-livres. Ignora-se hoje que essa venda pública de gêneros de primeira necessidade, agora desvirtuada de sua primeira finalidade, surgiu como consequência de uma campanha do proletariado contra a carestia da vida. Na luta contra a carestia, tomou feição mais ativa, em certo momento, a campanha sustentada pelo trabalhadores contra a alta dos alugueis de casa, fundando-se, por iniciativa dos anarquistas, para tal fim, a Liga dos Inquilinos, que se manteve em atividade durante bastante tempo.

Na campanha contra a carestia da vida a ação competirá, portanto, ao povo, que terá de agir diretamente, fazendo pressão sobre os governantes e sobre todos os elementos de quem qualquer providência dependa.

De que forma se desenvolverá essa ação? Por meio das Ligas de Inquilinos e consumidores, em cooperação com organizações populares e os sindicatos proletários.

Quem melhor do que os trabalhadores para indicar o que se produz, como se faz a produção e que destino é dado às mercadorias produzidas?

Dispõe, portanto, o povo, de todos os elementos de orientação, sem ser preciso recorrer à burocracia emperradora, dispondo também dos elementos para a ação, representados por suas organizações, postas em atividade para esse fim.

Os protestos da imprensa e as manifestações públicas — necessárias para a revelação do que se passa e para avivar o ânimo popular — não produzirão os seus efeitos, se não forem acompanhados da ação prática.

O povo organizado e posto em atividade tudo conseguirá. Por meio de sua organização e de sua atividade impedirá o açambarcamento de gêneros, porque fácil será denunciar quem e onde se pretenda praticar esse crime; quando se queira ocultar mercadorias para elevar o seu custo no mercado, isso não se poderá fazer, porque não haverá quem faça: os trabalhadores, apoiados em seus sindicatos, isso impedirão; a venda de mercadorias estragadas e as falsificações não serão mais possíveis, porque os trabalhadores se negarão a se tornarem cúmplices desses delitos contra a saúde do povo, ao qual pertencem.

Ainda pela ação do próprio povo, poderão surgir por toda a parte as cooperativas, desembaraçadas dos vícios governamentais: cooperativas de produção e de consumo, para livrar os roceiros, a gente sacrificada do campo, da exploração escorchante dos intermediários; cooperativas de consumo, distritais, suburbanas, de bairros e quarteirões, para o fornecimento de gêneros de primeira necessidade adquiridos diretamente das cooperativas produtoras.

Esse movimento cooperativista, além do interesse econômico imediato, poderá ser ainda um valioso veículo de educação dos hábitos de sociabilidade baseada no apoio-mutuo, desde que se pratique um cooperativismo social livre das pelas burocráticas e do interesse comercial, destinando-se seus fundos inteiramente à obra de abastecimento, assistência, cultura e recreio dos cooperadores.

O povo pôde, pois, conseguir solução para o problema da carestia da vida sem depender de pretensos salvadores que nada farão. E' só decidir-se a agir diretamente.

O anarquismo na pratica

A propósito da Colônia Cecilia

jo" da Colônia, por falta de pagamento dos impostos; não existisse o fator dinheiro, que permitiu a Tarávis essa manifestação mórbida do roubo, e que lhe deu oportunidade para revelar o seu carácter de atormentado, a Colônia Cecilia lá estaria no rincão sulino a despertar a curiosidade dos sociólogos.

Lamenta-se a ingenuidade de Cardias em supor que poderia, com elementos heterogeneos, dando franco acesso e livre entrada a qualquer indivíduo na colônia, sem lhe perguntar de onde vinha e sem exigir documentos para a concepção mais bela de vida livre. Entretanto, a meu ver, é nisso que está justamente o valor maior da sua realização.

Não é possível conceber-se a revolução social de um mundo perfeitamente homogêneo, quando ela já esteja realizada em todos os espíritos e em todos os corações.

Ela terá de se processar da mesma forma que todas as revoluções, como consequência e não como causa da evolução. A experiência da Colônia Cecilia demonstrou que todos se entendem bem, todos os ideais se harmonizam dentro do conceito de liberdade. Constitui também uma lição positiva do apostolado que não basta cortar um galho, ou mesmo diversos galhos à árvore da tirania: E' preciso arrancá-la pela raiz.

Só o desejo de conservar um bem que não se quer perder pode justificar tão grande espírito de sacrifício como aquele

que levou o então jovem agrônomo a andar com a roupa em franjinhos, mãos calejadas agarradas ao cabo da enxada, nos sertões paranaenses; que fez a condessa Colombo e seu marido desprenderem-se dos benefícios e regalias da sua posição para partilharem da sorte dos colonos. Só a fulguração de um ideal sublime é capaz de realizar esta coisa prodigiosa: Um aglomerado humano composto de mais de 350 pessoas de ambos os sexos com tendências diversas e diferentes caracteres psicológicos, vivem trabalham, sofrem, amam, idealizam em comum, numa região para a qual estavam inadaptados, sem que, para conter-lhes os sentimentos, refrrear-lhes os instintos fosse necessário o freio da religião e as grades das prisões. Sem terem chefes que ordenam, senhores que mandam e leis que obrigam. E durante o tempo que durou essa experiência social não se registrou nenhum conflito, não se matou ninguém, ninguém se suicidou!

E' admirável o desfile de personagens que se meteram na aventura anarquista pelas paginas do livro de Afonso Schmidt.

Não se encontra neles um deslize moral, não se lhes observa a turbulência que seria de esperar vivendo a sua vida livre de conveniências e preconceitos, sem leis, sem patria e sem Estado.

E contra eles estava o mundo de fora. A espreitá-los estava a corrupção social da sociedade burguesa, com as suas intrigas, os seus preconceitos,

as suas misérias e os seus cofres abarrotados de ouro! E aquela gente queria pouco: queria apenas que os deixassem viver o seu sonho de liberdade. Com pouco se contentava: um pedaço de polenta, um pouco de café, as águas do riacho e o ar puro das florestas sulinas.

Tudo era de todos, todos eram uma só família, um conjunto de harmonias a soletrar os problemas do amanhã. Fosse quem fosse, desgarrado social ou pária, todos ali eram bem-vindos, todos podiam ingressar na família da Colônia Cecilia. Não importava saber o que eles tinham deixado atrás, só interessava o que podiam ser no futuro.

A primeira safra das plantações por todos realizada, ou antes, realizada por todos aqueles que queriam trabalhar, porque não eram obrigados a fazê-lo, já se aproximava do fim como um grande aceno de futuras realizações: jardins esparzindo o perfume das flores a espalhar-se pelas encostas inadaptadas à lavoura, escolas para os filhos dos colonos recreios para os moços, lugares aprazíveis de descanso para as velhas, piscinas, maquinas, agrícolas, bibliotecas, amor e sonho, fraternidade e igualdade, liberdade e prazer!

Mas ali havia um Tarávis, um personagem misterioso que a po-dridão dos conventilhos de Buenos Aires atirou na enxurrada das paixões àquela recanto do mundo, onde se era livre e se começava a ser feliz.

Pouco importa aos Tarávis de todos os meios sociais, de todos os tempos e de todas as

EM SANTOS

Proveitosa atividade do sindicato dos trabalhadores do ramo da construção civil

Não é de agora a atividade dos trabalhadores da construção civil no meio sindical e nas lutas reivindicadoras no seio do proletariado santista, que figura em merecido destaque na história do movimento operário brasileiro.

Confirmando essa tradição, o referido sindicato, não obstante estar ainda sujeito, como os demais, às pelas ministerialistas, vem procurando vencer o marasmo dominante na maioria dos sindicatos, esforçando-se para orientar os seus associados sobre os problemas de seu interesse, por meio de conferências em sua sede.

Entre as últimas realizadas, figuram três que tiveram por oradores companheiros nossos. A convite do sindicato, lá esteve e realizou uma palestra sobre a luta proletária o companheiro Pedro Catalo, que, em companhia do camarada Edgard Leuenroth, voltou para falarem em uma outra noite de propaganda sobre o problema social.

Outra boa iniciativa do sindicato foi a organização de um interessante festival, que se realizou, com grande êxito, no vasto salão da Sociedade Humanitária, tendo uma assistência que o encheu inteiramente. O programa constou de uma conferência, da representação de suas peças sociais e de um ato litero-musical. As peças — "Ao Relento", de Afonso Schmidt, e "O Herói e o Viandante" — de Pedro Catalo, bem como o ato variado estiveram a cargo do grupo Social do nosso Centro de Cultura Social, que aqui foi com uma caravana de companheiros, figurando entre eles um núcleo musical. No dia seguinte, realizou-se, na Prainha, um piquenique de confraternização entre os companheiros de S. Paulo e militantes santistas, que também foi aproveitado para a nossa propaganda.

1.º DE MAIO
COMICIO NO SALÃO "CELSO GARCIA", RUA DO CARMO, 129, AS 2 HORAS DA TARDE.

tendências, que o belo deixa de ser belo, que os ideais se empenham com a lama das suas atitudes, que a humanidade sofre a tirania das irresponsabilidades e continui arrastando o peso da escravidão.

A existência dos Tarávis é que concorre para impedir a transformação social libertária, de mostrar ao mundo que ha uma forma de viver diferente: aquela em que todos, ao nascer, já encontram a natureza em festa e no panorama da existência não divizem sequer a sombra das grilhetas do passado. Um mundo feito de beleza, de caráter, de solidariedade de justiça, de amor e carinho, um mundo feito de luz!

Deixemos que os Tarávis nos ponham pedras no caminho. Nós continuaremos a viver deste sonho, certos de que um dia será uma realidade. Quem vive. Cantando, não se perde em cálculos de espaço e de tempo. Que temos razão, diz-o a história; do que somos capazes, falam as crônicas de todos os movimentos em que os anarquistas tomaram parte. Algum dia, distante ou não, deixarão de existir os Tarávis, e, então, em vez do ponto final colocado nas grandes realizações, a humanidade marchará à conquista desse sonho dos anarquistas: — a felicidade vivida, o sonho feito realidade a concepção de liberdade realizando o milagre da vida livre do amor livre, da consciência livre, enfim, de todos esses preconceitos absurdos que tiranizam, oprimem, degradam, matam e esterilizam as inteligências. E essa será a nossa revolução!...

SOUZA PASSOS



Ceifando vidas preciosas, a morte continua ao serviço de Franco, o tirano da Espanha.

Um dos últimos telegramas nos traz a tragica noticia de que os anarquistas Amador Franco e Antonio Lopes foram condenados à morte e que seriam logo executados.

Outro despacho noticia a prisão de mais 48 militantes da Confederação Nacional do Trabalho, a gloriosa C. N. T., que foram submetidos a torturas brutais.

E assim continua a ronda sinistra de morticínios e assassinações, de prisões e castigos, até que a ação do povo espanhol liberte a península ibérica dessa pagina negra do fascismo.

DE RASPÃO...

Relativamente ao projeto de Franco, segundo o qual o caudillo pretendia estabelecer a monarquia na Espanha, os jornais trouxeram telegramas com trechos de um artigo de Leon Blum, publicado no "Le Populaire", sob o título: "O último bluff de Franco".

"Não é engraçadíssimo — pergunta o sr. Blum — ver um ditador cujos dias estão contados e cujo regime não repousa sobre uma base política, social ou mesmo material, estabelecer leis para o futuro? A quem espera enganar, a Espanha ou o Exterior? Quem poderia "ir nessa conversa"? Não, terá durado muito, já, o fato de o último ditador fascista haver sobrevivido à ruína do nazismo europeu?"

Ora, sabe-se que a guerra civil na Espanha foi maquinada por Mussolini, Hitler e Franco, o que serviu de rastilho para o último (última, por enquanto) guerra europeia. Sabe-se, outrossim, que é ao impagável sr. Blum que se deve a paternidade do Comitê de Não-Intervenção. Além disso, este tristemente célebre Comitê, tal qual o alemão da anedota, que de forma alguma se queria convencer da infidelidade da esposa, sistematicamente punha em dúvida, mesmo ante as mais positivas provas, a abertamente intervenção do fascismo e do nazismo na guerra civil espanhola, intervenção esta feita de um modo cínico e revoltante.

Não faltou quem pensasse que, ao duvidar de tal intervenção, o então primeiro ministro da França padecia da ingenuidade que geralmente caracteriza, diz-se, os socialistas águia-dorosas; mas eu creio que os ingenuos eram precisamente aqueles que acreditavam na ingenuidade do socialismo francês. E' que, em um momento de sinceridade, Leon Blum deixou-se então dizer, numa reunião efetuada em Paris, "que o triunfo do general Franco é um perigo para a França, porém, maior será o perigo se triunfarem os defensores da causa republicana, já que isso representaria o triunfo da Revolução Social, ou, iria muito longe, porque o proletariado espanhol é, na sua maioria, de tendência francamente anarquista".

Então também a França caminhava a passos largos para o nazi-fascismo; mas, apesar dos mais funestos imprevistos, isso era preferível, mesmo com a derrocada da Frente Popular, posto que ainda restava a esperança de, no final das contas, serem salvaguardados os interesses criados da França de Leon Blum.

Leon Blum interroga-nos sobre o último "bluff" de Franco: e o último "bluff" do ex-primeiro ministro francês, quando é que se dará? Franco é um fanfarrão, desavergonhado e, sobretudo, por motivos de fácil compreensão, o mais asqueroso dos últimos tiranos; mas todo mundo sabe disso porque ele se apresenta tal qual é, pelo que está sendo combatido e os seus dias estão contados. No entanto, que pito toca o sr. Blum, dentro do seu pseudo liberalismo? Não se sabe (eu, pelo menos não sei) se é socialista, republicano, ou ambas as coisas. Tenho a impressão de que, sob o ponto de vista político, é assim como um anfibio, mas que, de resto, vive acenando ao povo, procurando iludi-lo com a eterna promessa de um socialismo vago, utópico como todo o socia-

lismo de Estado, dentro da própria República francesa.

Leon Blum afirma que o regime de Franco não repousa sobre uma base política, social ou mesmo material; é possível, no entanto, que ainda não se tenha esquecido, porque essas coisas não se devem esquecer facilmente, que antes afirmara que tal regime era menos perigoso para a França que o dos republicanos espanhóis. Devemos ter bem em conta, que, consciente ou subconscientemente, o sr. Blum alude, não à França da maioria dos franceses, porém, à França dos interesses criados. E assim, mais uma vez ficou patente que para o socialista Leon Blum (como, aliás, para muitíssimos socialistas de Estado) ainda é preferível o fascismo, malgrado todos os seus crimes, ao verdadeiro socialismo — o socialismo libertário.

Em face da atual atitude de Franco, Blum interroga: "A quem espera enganar, a Espanha ou o Exterior? Quem poderia "ir nessa conversa"? Mas aqui cabe-nos perguntar: com a sua atitude de acordo com as circunstâncias e conveniências de momento, a quem o camaleão do socialismo reformista francês espera enganar, a França, o Exterior ou os dois ao mesmo tempo? Quem poderá "ir na conversa" de Leon Blum?

OSWALDO SALGUEIRO

A direção de «A PLEBE»

As nossas iniciativas têm sempre um caráter tanto quanto possível coletivo. Os jornais também. Nelles tudo é feito por mutuo-acórdo entre todos que deles participam. Não nos ocultamos no anonimato, pois sempre aparecemos para assumir todas as responsabilidades, mas, quando podemos, deixamos de mencionar nomes, para não parecer que se quer dar destaques, que podem ser discutíveis. Há, entretanto, uma exigência legal que determina a indicação dos nomes do diretor e do gerente.

Como todos antigos plebeus sabem, durante muitos anos e até que a reação interrompeu a publicação de "A Plebe", foi seu diretor-gerente o nosso estimado companheiro Rodolfo Felipe. Há, entretanto, motivos de ordem particular que impedem possamos contar agora com sua cooperação provavelmente valiosa. De sua dedicação, de seu firme critério e de sua bondade acolhedora muito se teria a dizer, mas não o fazemos, porque seria contrariá-lo. Quando puder, o bom camarada de todos os momentos não deixará de cooperar conosco.

Em vista disso, será diretor-gerente interino de "A Plebe" o companheiro Edgard Leuenroth, seu fundador e diretor em outras fases deste porta-voz do anarquismo no Brasil. Oportunamente, o grupo editor do jornal resolverá sobre quem deverá ser encarregado dessa efetivamente incumbência.

Florentino de Carvalho

O proletariado brasileiro, e até mesmo o proletariado internacional, acabam de sofrer grande perda com a brecha aberta pela morte, no quadro dos seus mais abnegados defensores. No dia 24 de Março, na residência de uma sua irmã, à Av. Lins de Vasconcelos, faleceu o professor Primitivo Raymundo Soares, conhecido em suas atividades jornalísticas e nos meios proletários pelo pseudônimo de Florentino de Carvalho.

Velho militante nas lutas em prol da emancipação dos trabalhadores, Florentino de Carvalho, pertencendo ao mundo daqueles que consideram a questão social uma questão humana e para cuja solução não basta inverter os papéis na ordem dos fenômenos político-sociais. Idealista, concebia a transformação social como fim e não como meio. Nas obras que deixou, e na sua colaboração, que anda por aí espalhada nos jornais e revistas de caráter social, há traços de uma firmeza de idéias pouco comum.

Mas Florentino de Carvalho não era apenas o batalhador incansável das lutas do proletariado; era também o estilista, o crítico de arte, o poeta do mundo de amanhã. Nesse sentido, escreveu em revistas como "O Comentarário", do dr. Veiga Miranda, "Arte e Vida", em uma revista que tinha a direção de Arsenio Palacios, seu sobrinho, e em várias outras de que não nos recordamos agora, ao escrevermos estas linhas ainda emocionados com a perda do velho companheiro.

Como polemista, Florentino de Carvalho era um adversário temível, mas elegante. Não impunha idéias, expunha-as. E a lógica das suas conclusões desarmavam o contendor, fosse qual fosse o assunto, graças ao ecletismo dos seus conhecimentos.

Tomou parte em quase todos os congressos sociais-proletários realizados no Brasil, cooperando com a sua inteligência na discussão das teses apresentadas pelos delegados das organizações proletárias de todos os Estados. Dirigiu, em 1924, a revista "A Obra", foi redator de "O Libertário" e colaborou em quase todos os jornais populares. Publicou os livros "DA ESCRAVIDÃO À LIBERDADE" e "A REVOLUÇÃO DE 24", além de vários folhetos doutrinários. Também foi diretor de "A Plebe", num breve período.

Exerceu o magisterio particular em escolas fundadas por ele em várias cidades do Brasil, acentuando-se a sua atuação como professor no Rio Grande do Sul e nesta capital.

Ultimamente, havia-se radicado na cidade de Marilla de onde viera para esta capital poucos dias antes de sua morte, já doente, vindo a falecer em consequência de grave enfermidade apanhada nas masmorras capitalistas.

Sim, porque Florentino de Carvalho não podia constituir exceção, na ordem dos acontecimentos político-sociais. Como todos militantes que se revelam capazes de perturbar o sono da burguesia, ele foi perseguido e caluniado. Sofreu prisões e castigos, e foi vítima até de malentendidos por parte daqueles a quem dedicava toda a sua obra e a sua vida.

Em certa ocasião, Florentino viveu forçadamente à bordo de um navio. Foi quando, em consequência da reação desencadeada pelo governo do sr. Artur Bernardes, o deportaram com muitos outros idealistas que haviam cometido o crime de quererem o bem-estar do povo.

Dada, porém, a sua condição de militante anarquista, em nenhum porto do mundo conseguiram desembarcá-lo. Assim, teve de voltar ao porto de procedência, onde, também, a polícia não lhe permitia o desembarque. Como consequência desse absurdo da tirania capitalista, andou de porto em porto, e em alto mar, tendo o navio como residência celular.

E' interessante recordar um detalhe de sua vida de militante. Quando ainda sargento da Força Pública, entrou numa livraria e deparou com um volume que lhe despertou a curiosidade: "A Conquista do Pão", de Pedro Kropotkin. Folheou-o rapidamente e ficou impressionado. Dessa circunstância casual surgiu depois o militante ativo do anarquismo, o pensador e escritor, o panfletista, o jornalista que conhecemos e que apreciamos.

Com a morte de Florentino de Carvalho, há uma vaga de responsabilidade a preencher no movimento das lutas sociais.

F. G.

Um esclarecimento ao povo de S. Paulo Da' classe dos Trabalhadores na Industria da Panificação e Confeitaria

Os trabalhadores que se ocupam na fabricação de pão e doces para a população de S. Paulo estão presentemente empenhados em conseguir a melhoria de seus salários e isso deu motivo a que os elementos que se opõem a essa nossa justa pretensão procure incompatibilizar-nos com o povo, negando-nos razão e atribuindo-nos intuídos que não são os que nos animam. Dirijimo-nos, por isso, ao povo de S. Paulo, com o fim de esclarecer a situação. E assim procedemos porque, com nossas famílias, também fazemos parte da coletividade paulistana.

Somos levados a reclamar um aumento de salário porque isso é exigido pela situação de aperturas em que estamos vivendo. O custo da vida encareceu assustadoramente e os nossos salários permanecem muito abaixo das nossas necessidades.

Visando tornar menos penosa a nossa situação, foi elaborado pela nossa classe uma tabela de salários mínimos que submetemos ao exame do Sindicato de Panificação e Confeitaria de São Paulo.

A resposta, porém, foi negativa; os proprietários de padarias e confeitarias negam-se a atender ao nosso pedido, alegando que os seus lucros isso não permitem. A verdade, entretanto, é bem outra. Enquanto a situação dos trabalhadores em padarias e confeitarias piora de dia para dia, os patrões dessa industria aumentam consideravelmente as suas fortunas, tendo as suas propriedades valorizadas em proporções astronômicas.

Sem nenhuma consideração pela situação tormentosa do povo, os proprietários de padarias e confeitarias informaram-nos que concederiam um aumento em nossos salários, se concordássemos em agir com eles no sentido de conseguir das autoridades que fossem aumentados os preços do pão e dos doces!

Naturalmente, repelimos essa indignidade. De maneira alguma poderemos concordar que a melhoria de nossos salários seja conseguida com o sacrifício da população.

Os patrões falam em margem de lucros e nós apenas pleiteamos um pequeno aumento de salários, que minore as nossas penosas condições de vida. E não tem cabimento a alegação dos patrões de padarias e confeitarias de que não conseguem lucros. Basta citar as diferenças nos preços dos produtos entre 1945 e presentemente. O quilo de pão, que custava Cr\$ 2,50, custa hoje o dobro; os doces, que custavam de 50 a 80 centavos, passaram a custar de 1,50 a 3 cruzeiros. Deve-se ainda acrescentar a margem deixada pela diminuição dos pães e do-

União Anarquista de S. Paulo

Constituiu-se, há meses, a União Anarquista de S. Paulo, que reúne os elementos libertários associados em agrupações constituídas por afinidades onde atividades culturais e recreativas, de bairros e subúrbios, de centros de trabalho, de meios estudantis, associativos e sindicais, ou de outra natureza, bem como militantes anarquistas que ainda não pertenciam a alguma agremiação libertária.

Repudiando todas as práticas centralistas e orientando-se de acordo com as normas do federalismo libertário, baseado na autonomia do individuo no grupo e destes em suas ampliações federativas de varios graus, a União Anarquista tem por finalidade associar os esforços das agrupações e dos militantes anarquistas para a atividade de conjunto em prol do desenvolvimento do movimento libertário brasileiro, dentro dos fundamentos teóricos do ideal anarquista e das modalidades táticas contidas em linhas gerais no manifesto-programa publicado em outra parte do jornal.

Servindo-se de todos os meios facultados pela propaganda falada e impressa, a União Anarquista desenvolve a sua atuação na defesa, esclarecimento e divulgação dos princípios libertários, dando combate a todos os preconceitos religiosos ou morais, econômicos e sociais que concorrem para o embrutecimento do povo anulando-lhes as personalidades e favorecendo, dessa forma, o domínio de todas as opressões.

Além de reuniões parciais, a União Anarquista realiza uma assembléia mensal, com a reunião dos associados de todos os grupos para deliberações de interesse geral do movimento anarquista.

ces. Haveria também a considerar a qualidade da matéria prima empregada, as misturas, as diferenças nos pesos e mesmo do cambio-negro usado por gananciosos.

E qual têm sido a melhoria de nossa situação depois do acordo firmado entre ambas as partes em 1945? A alteração dessa situação tem sido para pior. Sem deixar de reconhecer as condições penosas da classe trabalhadora em geral, podemos afirmar que a situação de nossa classe é das mais duras. Com raríssimas exceções, os locais em que temos de trabalhar não suportariam o exame da fiscalização sanitária, pois não oferecem a mínima condição de comodidade e de higiene. Somos forçados a dormir, muitas vezes, sobre sacos, em maceiras. Péssima é a alimentação que nos fornecem e irregulares são os horários de trabalho a que estamos sujeitos, com desrespeito da jornada de oito horas.

Enquanto a população repousa, atravessamos as noites preparando, num trabalho penoso, o alimento essencial que pela manhã é fornecido ao povo.

Quando foi do racionamento do pão, pela falta de farinha, sofremos com a população a carência desse alimento, mas tivemos ainda de suportar as consequências da desocupação. Os patrões aproveitaram-se dessa anormalidade para, contrariamente ao que havia sido assentado, dispensar do trabalho a maioria de elementos da classe. O mais grave é que, cessada essa anormalidade, continua o nosso departamento de colocações cheio de profissionais em busca de trabalho, que é negado pelos patrões, para darem preferência a adventícios sem capacidade profissional, aos quais pagam menor salário.

Essa é, em breves traços, a nossa situação de trabalhadores em padarias e confeitarias.

Não reclamamos nada de mais. Pleiteamos unicamente um pequeno aumento em nossos salários. Tudo que se disser a mais será calúnia. Precisamos melhorar a nossa situação, mas não queremos contribuir para piorar a da população. Pertencemos ao povo, com ele estamos e contamos com a sua simpatia no patrocínio desta nossa causa.

Centro de Cultura Social

Tendo a sua atividade interrompida durante o feriado negregado da ditadura, o Centro de Cultura Social renunciou a sua obra logo que a situação permitiu, instalando a sua sede à rua José Bonifácio, 387, onde continua a desenvolver o mesmo trabalho de educação popular que, durante muitos anos, realizou no local da Federação Operaria e em outras sedes.

São já numerosas as conferências que tem realizado sobre os mais variados temas, como sejam: sociologia, filosofia, higiene social, etc., frequentadas sempre por apreciáveis assistências e despertando crescente interesse.

O Centro de Cultura Social está providenciando para a organização de novos cursos e de uma série de conferências para as quais vão ser convidados elementos de real valor em suas especialidades, cogitando de conseguir um local que possa comportar mais assistência.

O Movimento Libertária no Rio

Além do jornal "Ação Direta", que vem saindo regularmente, o movimento anarquista no Rio caracteriza-se pela formação de varios núcleos de atividades diversas. Destacam-se o Grupo de Ação Libertária que tem desenvolvido grande atividade na divulgação de jornais e folhetos, bem como na cooperação em torno de "Ação Direta".

Com a iniciativa da publicação de um jornal destinado à juventude anarquista, "Spartacus", coincide o aparecimento, em Niterói de "O Archote", cujo primeiro numero apareceu mimeografado, devido às dificuldades em se encontrar tipografia, mas já em vias de solução no sentido de continuar a aparecer em formato maior e impresso.

Varias outras iniciativas de caráter social estão desenvolvendo os camaradas que, no Rio, como em todas as partes do mundo, assistem ao renascer do movimento libertário do pós-guerra, depois do período negro da reação que avassalou o mundo em consequência dos fascismos de todas as espécies.

1.º DE MAIO
 TODOS AO COMICIO DO "CELSO GARCIA", RUA DO CARMO,
 129, AS 2 HORAS DA TARDE.

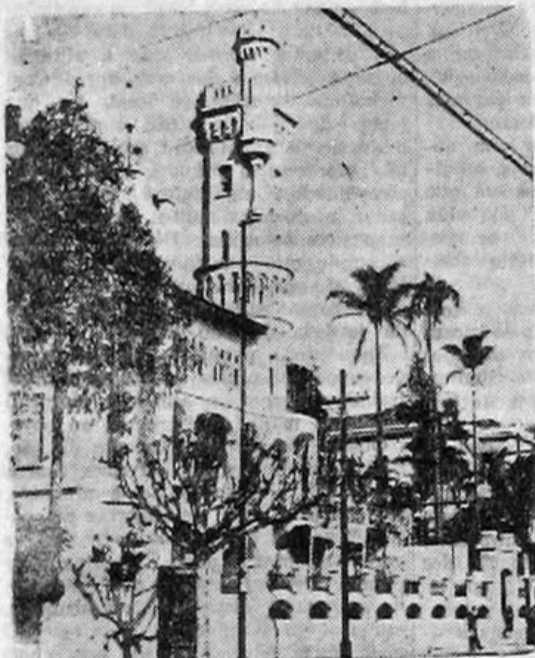
A PLEBE

S. PAULO, 1.º DE MAIO DE 1947

ANO 30 — NUM. 1 (Nova fase)

O problema da habitação

O trabalhador constroi palácios e abriga-se em porões e favelas



Aqui habita confortavelmente o capitalista que explora o trabalhador.



Aqui abriga-se o trabalhador que constroi as habitações dos capitalistas.

Necessidade essencial é a habitação. E o pobre, o trabalhador, o homem do povo, no Brasil, de maneira quase que geral, não reside, não mora, abriga-se em choças de palha e em ranchos de pau-a-pique, em mocambos e favelas, em cortiços e porões. Nem ar, nem luz suficientes. Ausência de condições de higiene, formando ambientes propícios ao desenvolvimento de moléstias contagiosas. Promiscuidade forçada, contribuindo para a degenerescência moral e física da grande maioria dos brasileiros.

Enquanto nos arrabaldes onde reside a gente rica, em lindas e confortáveis residências, rasgam-se belas avenidas arborizadas e asfaltadas, ajardinando-se praças com farta iluminação por toda a parte, derrubam-se habitações perfeitamente habitáveis, para, em seu lugar, serem construídos luxuosos palacetes, nos bairros onde os trabalhadores são forçados a morar o aspecto é inteiramente diverso.

Nos arrabaldes e subúrbios populares não há água encanada, nem exgôto, nem iluminação, nem limpeza pública. O que há é poeira ou lama, sujeira, água servida correndo pelas ruas esburacadas, há, enfim, falta absoluta de higiene e de qualquer conforto.

Não constitui isso um contraste chocante denunciando uma injustiça clamorosa? Sem dúvida que sim.

Essa injustiça deve, portanto, ser enfrentada decisivamente, para que tenha pronta solução. Como? Voltando-se a atenção de quem isso compete também para esses bairros abandonados. Estendam-se até eles as canalizações de água e exgôto e os fios de iluminação, pavimentem-se suas ruas, abram-se praças ajardinadas, façam chegar até lá as carroças da limpeza pública.

E' preciso que se lembrem de que o povo é gente — gente que trabalha e produz, e que paga impostos, que, enfim, é parte ativa da coletividade, tendo direito, pois, a uma vida decente a que o seu esforço faz jus.

Precisa, desde logo, de casas para morar, de habitações, modestas que sejam, mas cómodas e higiênicas. E não se alegue que seja um problema de difícil

solução. Como para os apatacados a solução é encontrada? Os grandes arranha-céus, os palacetes, as ricas vivendas multiplicam-se incessantemente. Pois que se constroam igualmente habitações para o povo, que é quem constroi as moradias dos ricos.

Não existem, dentro das cidades e de suas periferias, terrenos baldios? Não há, igualmente, capitais vultuosos acumulados nos bancos, nos institutos de aposentadorias usados para construções suntuosas? Não se acumulam umas fortunas colossais nos depósitos de gás, luz e água e nas caixas econômicas? E que fortunas imensas não entesouram as congregações religiosas para serem canalizadas para o Vaticano!

Pois que se ponha já, mas sem demora, toda essa fortuna imensa, em atividade na construção de bairros residenciais, em habitações para o povo, por toda a parte.

Nessa obra poderão ser ativas cooperativas formadas por engenheiros, operários da construção civil, oleiros, por todos aqueles, enfim, que contribuem para as construções, incluindo os próprios inquilinos.

Poder-se-á, ainda, estabelecer a cada arranha-céu construído correspondo o compromisso da construção de uma certa porcentagem de casas populares.

Tudo prático, simples, justo e exequível. Mas nada se fará sem a intervenção direta dos interessados, dos inquilinos, do povo, que nada poderá esperar de quem quer que seja — da burocracia parlamentar e governamental ou de partidos políticos.

O problema da habitação somente poderá ser resolvido pela ação popular, direta, ativa e incessante, organizando-se o povo em ligas de inquilinos e consumidores de ruas, ampliando-se por quarteirões, bairros e cidades e agindo em cooperação com os sindicatos operários.

Dessa forma, se prestará uma contribuição à luta para o advento da sociedade libertária, na qual, dentro da solução normal do problema da habitação, responderá à condição de produtor o direito irrecusável a uma habitação construída na medida das possibilidades coletivas.

Assistencia como um direito e não pretexto para caridade humilhante

Já se disse que o Brasil é um imenso hospital. Autoriza essa afirmativa a situação de abandono em que se encontra a maioria dos brasileiros quanto à defesa de sua saúde. E é justamente a parte ativa da população — a que trabalha e produz — que sofre as consequências desse abandono criminoso.

As endemias tornaram-se coisa normal na vida brasileira. A malária e o amarelão reduzem a frangalhos a massa obscura do interior do país; e a tuberculose, num crescendo apavorante, ceifa as populações dos ranchos e das favelas, dos porões e dos cortiços.

Pudera! Com a vida que leva, oferece o trabalhador brasileiro campo fértil para a propagação de todas as moléstias: habitações sem higiene, alimentação escassa e imprópria, trabalho sem conforto e atribuições sem conta.

O Brasil não é um imenso hospital, porque não dá abrigo aos seus doentes; poder-se-ia dizer que se assemelha mais a um imenso campo de concentração de subnutridos e malaios, com os curandeiros fazendo às vezes de médicos, pelos serões afora, onde as esteiras substituem os leitos dos hospitais.

Carece, portanto, o povo trabalhador do Brasil de toda a sorte de assistência social. Falta-lhe amparo à infância, à mulher, na maternidade, aos enfermos, à velhice, aos inválidos. E isso tudo deve-lhe ser concedido como um direito adquirido pela sua vida de labutas e não como um favor ou como caridade humilhante, servindo de objeto de propaganda e de exploração para organizações religiosas ou de pretextos para custosas festas às damas da burguezia, que delas se servem para justificar a sua vaidade e para ostentação de suas toilettes luxuosas.

Aos ganhos dos trabalhadores são arrancadas fortunas vultosas para os institutos de pensões e aposentadorias, que, ao mesmo tempo, que canalizam verbas enormes para a construção de edifícios suntuosos e para fins políticos, destinam apenas migalhas de seus fundos para as pensões, que constituem uma afronta, e para precários ambulatórios.

Pois que se movimentem esses institutos com nova orientação, fundindo-os num só e estendendo a todos os trabalhadores, inclusive os do cam-

po, arrecadando os recursos deles retirados para fins estranhos às suas finalidades, entrando o governo com a grande fortuna que lhe deve, acabando-se, ainda, com o burocratismo que dificulta seus serviços e simplificando-se a sua dispendiosa administração. A essas medidas saneadoras juntem-se as remodeladoras. Complete-se seu serviço de assistência, incluindo nos ambulatórios os serviços médico, farmacêutico, dentário e hospitalar, estabelecendo-se o auxilio-doença e as pensões na base dos salários.

Ao lado da assistência de obrigação dos institutos de aposentadorias e pensões, é necessária também a contribuição do patronato industrial, comercial e agrícola, para que se instalem ambulatórios de emergência nas fábricas, nos grandes estabelecimentos comerciais e empresas, bem como nas propriedades agrícolas.

Nessa obra de salvação da saúde do povo brasileiro poder-se-ão interessar igualmente as entidades particulares, como sociedades beneficentes, departamentos de assistência de associações e sindicatos, postos clínicos, hospitais, maternidades e sanatórios, articulando-os em grandes cooperativas com desdobramentos distritais, que poderiam ser organizadas, contando, ainda, com a cooperação dos médicos e enfermeiros, farmacêuticos, dentistas e parteiras.

Entretanto, essa obra, por certo, de grandes proporções, mas indispensável e urgente, não se levará a cabo sem que o povo, que é o maior interessado, faça ouvir a sua voz, movimentando-se ativamente por meio das suas organizações.

O PROBLEMA RURAL

AO TRABALHADOR DO CAMPO QUE PRODUZ PARA TODOS FALTA TUDO

Diz-se que o Brasil é um país essencialmente agrícola. Salta dessa afirmativa a conclusão lógica de que a nação tem a sua vida dependente da atividade da lavoura, do produto das labutas da gente que se dedica ao duro viver do campo.

Resultante natural, portanto, dessa constatação seria a certeza de que todas as atenções estão voltadas para os problemas agrícolas e que os trabalhadores do campo são objeto de todos os cuidados.

Quem, entretanto, se aventurará a afirmar ser essa a realidade? A verdade é bem outra, muito diversa.

Com exceção de uma minoria de grandes propriedades agrícolas de organização mais ou menos modernizada, todo o trabalho da roça e do sertão brasileiro é ainda executado pelos processos primitivos, de limitada capacidade produtiva e exigindo um absurdo dispêndio de energias.

Se assim é quanto ao sistema de trabalho, pior é ainda a situação de quem o executa. Verdaderamente deplorável é a vida do roceiro — siltante, meciro, contratado ou camarada — do campeiro, do peão, do vaqueiro. Mora em ranchos sem conforto algum, alimenta-se mal, sem assistência de espécie alguma, sem escolas nem qualquer elemento de recreio.

Si compararmos essa vida de penuria conta que levam os grandes proprietários agrícolas, o contraste é chocante: sobralhes tudo quanto falta àqueles que para eles trabalham, desde o que é necessário até o supérfluo do luxo. Vivem quasi sempre nas grandes cidades do Brasil ou do estrangeiro, metidos em altos negócios e na política administrativa. Enquanto para os grandes proprietários do campo, de quando em quando os cofres da nação se abrem para as famosas valorizações, que lhes concedem pingues verbas, o trabalhador do campo continua em completo abandono, mesmo sem as migalhas das regalias obtidas pelos trabalhadores das cidades.

Desesperançado de sair dessa vida de penúria, o trabalhador do campo foge para as grandes cidades, buscando melhoria de situação nos serviços da indústria. E a lavoura, assim, ainda mais se desorganiza, sem que com isso se resolva a situação do camponês brasileiro. E o problema rural agrava-se, em vez de melhorar. E' que tudo se faz mirando unicamente os interesses dos capitalistas.

A solução lógica seria obtida com a transformação das bases da sociedade brasileira no sentido da socialização dos bens sociais. Mas, enquanto o povo trabalhador não se capacita para essa derradeira investida reivindicadora, urge a adoção de medidas de efeitos imediatos, que não deixarão de contribuir para a preparação da gente do interior para objetivo final.

Antes de tudo, é preciso que o camponês tenha habitação condigna. Para atender a essa necessidade com a urgência precisa, poderão ser usadas as casas pré-fabricadas adaptáveis ao clima de cada região.

Paralelamente, é preciso tornar efetiva a obra de profilaxia rural, proporcionando-se ao trabalhador do campo assistência em todas as suas modalidades, com a criação de ambulatórios em cada grande propriedade agrícola e em grupos das pequenas, em arraiais e bairros, para serviços médicos, farmacêuticos e dentários, criando-se hospitais e maternidades para cada zona.

A campanha contra o analfabetismo será levada a efeito com a precisa eficiência instalando-se escolas em todos os centros de trabalho agrícola, com o auxilio de bibliotecas populares circulantes e a cooperação de escolas móveis e profissionais de zonas. Para possibilitar a frequência das crianças, deve-se-lhes fornecer material escolar e refeições.

Vivendo o trabalhador do campo distanciado das cidades torna-se, naturalmente, necessário dotar os meios rurais de todos os elementos de recreação, como cinema e teatro ambulantes, a criação de centros recreativos e de campos de esportes em pontos apropriados.

Sendo a renda do pequeno siltante o produto legítimo do seu trabalho, constitui uma verda-

deira extorsão as tributações que deve pagar. Por isso, devem ficar livres de toda a sorte de impostos e aforamentos.

Constituindo remanescentes da servidão medieval, deve o camponês brasileiro ser libertado da extorsão de que é vítima em seus ganhos no trabalho da terra por meio de arrendamentos, meação e terças.

O trabalhador do campo é vítima de torpe exploração nos armazéns fornecedores das grandes propriedades agrícolas: aos quais acabam ficando presos por dívidas que se tornam insolúveis. As cooperativas, geridas pelos próprios camponeses, poderão acabar com essa exploração.

A cooperativa é um elemento valioso do qual os trabalhadores se poderão servir para melhoria de sua situação tanto no terreno econômico, como da assistência e cultural. Desprezado o sistema comercialista da distribuição, em dinheiro, de lucros verificados, que desvirtua as suas finalidades de apoio mútuo, todos os seus fundos deverão ser aplicados no fornecimento não sómente de gêneros, objetos de uso pessoal, móveis e aparelhos de uso doméstico, como, também, de instrumentos para a lavoura, sementes, adubos e mudas; proporcionar assistência em suas várias modalidades, organizar bibliotecas e fornecer livros, revistas e jornais; promover meios de recreação e, também, facultar recursos, em empréstimos para viagens em gozo de férias. Essas cooperativas poderão, ainda, montar pequenas indústrias úteis aos camponeses e adaptáveis ao meio rural, movimentadas pelos próprios cooperadores.

Entretanto, o problema primordial para o camponês é a terra — a terra que ele trabalha — a terra de onde tira com que viver, a terra que constitui a preocupação dominante da sua vida. Ele é que a desbrava, ele é que a faz produzir.

No entanto, a terra não lhe pertence. Nela trabalha por meação, ou terça como camarada, mediante mísero salário, ou por arrendamento, dela sendo desalojado quando a põe em condições favoráveis de produção.

Mas há muita terra inculta e abandonada ou mal usada: há latifúndios imensos. Essas terras não são, entretanto, dos camponeses: pertencem aos capitalistas, que não as cultivam e impedem que sejam trabalhadas.

Não constitui isso um absurdo? Certamente que sim. Pois que se acabe com semelhante abuso, livrando essas terras incultas de quem as detém abusivamente entregando-as aos camponeses, para que os cultivem em seu proveito e em benefício da coletividade, formando-se, para esse fim, cooperativas aparelhadas do que seja necessário para a sua instalação e regular funcionamento.

Nada disso, entretanto, se fará se não o justo descontentamento dos trabalhadores do campo se manifeste em ação decisiva, por meio de sua organização em associações fundadas em cada propriedade agrícola, ou em grupos delas, em vilas, arraiais ou bairros. A ação direta dos camponeses deverá se juntar, naturalmente, a de todo o proletariado, bem como a do povo em geral, pois todos têm a regularidade de sua vida dependente da regularização da vida rural.

“AÇÃO DIRETA”

Aparece este número de “A Plebe” quando “Ação Direta” completa seu primeiro ano de publicação. Foi a 10 de abril do ano passado que a grande nova enchia de alegria o meio libertário: no Rio aparecera um jornal anarquista, tendo à sua frente o professor José Otício, militante de dezenas de anos que se tem destacado no movimento libertário por sua dedicação e pelo brilho de sua atuação.

Reunindo ao seu redor velhos militantes e uma plêiade de jovens ardorosos, “Ação Direta”, vencendo dificuldades sem conta, vem prestando um grande serviço à obra de reanimação do movimento anarquista do Brasil.

A família libertária de “Ação Direta” os combatentes da barricada de “A Plebe” enviam um grande abraço de congratulações.

